

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL**

**ENTRE A RUA E A BIBLIOTECA: usos,
práticas e percepções do espaço cultural
por um grupo em situação de rua**

DÉBORA DOMINGUES ROCHA

Niterói

abril – 2016

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

- R672 Rocha, Débora Domingues.
Entre a rua e a biblioteca : usos, práticas e percepções do espaço cultural por um grupo em situação de rua / Débora Domingues Rocha. – 2016.
77 f. : il.
Orientadora: Marisa Schincariol de Mello.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2016.
Bibliografia: f. 54-60.
1. Cultura. 2. Pessoa desabrigada. 3. Biblioteca pública. 4. Relação biblioteca-comunidade. 5. Rio de Janeiro. I. Mello, Marisa Schincariol de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

DÉBORA DOMINGUES ROCHA

ENTRE A RUA E A BIBLIOTECA: usos, práticas e percepções do espaço cultural por um grupo em situação de rua

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marisa S. Mello


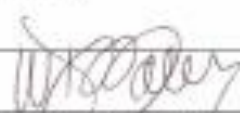

**Niterói
abril – 2016**



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: DÉBORA DOMINGUES ROCHA	Matrícula: 111.33.007
Título do Trabalho: "ENTRE A RUA E A BIBLIOTECA: USOS, PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DO ESPAÇO CULTURAL POR FREQUENTADORES EM SITUAÇÃO DE RUA"	
Orientador: Dr^a. Marisa S. Mello	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 14/04/2016

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): Dr^a. Marisa S. Mello
2º Membro: Dr. Wallace de Deus
3º Membro: Dr. Luiz Augusto Rodrigues

AVALIAÇÃO:
Análise / Comentário A aluna realizou uma ampla e densa pesquisa de campo, utilizando metodologias apropriadas, como a observação participante, por exemplo. A banca ressalta a qualidade do texto e o aprofundamento da reflexão. Indicamos que a aluna continue os estudos na pós-graduação e divulgue sua pesquisa, especialmente para o grupo estudado e para a Biblioteca.
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora): 10 (dez)
ASSINATURAS   
1º Membro (Presidente) 2º Membro 3º Membro

À minha família, sempre.

Agradecimentos

Minha enorme gratidão a todos aqueles que contribuíram, direta e indiretamente para este trabalho. Em primeiro lugar, aos entrevistados e entrevistadas que, muito gentilmente, cederam seu tempo, sua paciência e disponibilidade. Frequentadores da Biblioteca Parque Estadual, que fazem dela um lugar mágico: são Claudios, Josés, Elicarlas, Patricias, Albertos, Alexanders, Amandas, Diogos, Raimundos, Voynas, Belizários, Fabricios, Brunos, Edvaldos, Leandros, Lídias, Josimares, Humbertos, Marcelos, Alans, Carlos, Luis, Lucas, Moisés com tantas histórias para contar.

Agradeço à toda equipe e quadro de funcionários da Biblioteca Parque Estadual, que não só me permitiu realizar as entrevistas e observações de campo, como contribuiu muito generosamente com este trabalho, seja através de entrevistas, dicas, conselhos, respostas a milhares de perguntas ou seja através do seu atendimento, sempre acolhedor e eficiente. Em especial ao Fábio Moraes, pois sem ele esse trabalho não existiria. Fábio, gratidão por tudo.

Não poderia deixar de agradecer a quem mais se dedicou para que esse trabalho fosse para frente e que muito me ajuda e ensina: Marisa, você é incrível! Um presentinho da vida nos últimos semestres de faculdade, uma excelente professora e orientadora que é, além de tudo, um ser humano que admiro muito.

Por fim, gratidão à vida e à minha alma e irmã gêmea, Patricia. Ao meu pai, minha mãe e meus irmãos, eles que estarão sempre ao meu lado e que tenho a sorte de chamar de família.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é fruto de um estudo de caso sobre práticas culturais em bibliotecas, tendo como objeto um grupo social em situação de rua na Biblioteca Parque Estadual, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro. A partir da observação-participante e do trabalho de campo, pretende-se, em primeiro lugar entender quais são os usos, as práticas e percepções do espaço cultural pelo grupo social em questão e as significações produzidas a partir dele. Em segundo, pretende-se abordar a função essencialmente social da biblioteca parque - do pertencimento social à cultura como ferramenta de direito à cidade.

Palavras-chave: práticas culturais; pessoas em situação de rua; biblioteca; biblioteca-parque

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo 1: Rio de Janeiro: contexto político, social e cultural da cidade-negócio.....	12
1.1 Os números da rua.....	13
1.2 O direito à cidade.....	14
1.3 A cultura como ferramenta de direito à cidade.....	15
Capítulo 2: As Bibliotecas Parque: novos usos para um novo modelo de biblioteca.....	16
2.1 Bibliotecas Parque no Estado do Rio: O programa e a gestão das bibliotecas-parque.....	17
2.2 Inauguração da Biblioteca Parque Estadual: uma estratégia eleitoral?.....	18
Capítulo 3: A Biblioteca Parque Estadual.....	18
3.1 Biblioteca Parque Estadual, território e grupos sociais.....	19
3.2 O Balcão Cidadão.....	20
3.3 Muitos ambientes em um: setores e espaços da biblioteca.....	21
3.4 O setor multimídia.....	23
3.5 A Mediação Social na biblioteca.....	25
3.5.1 A mediação social conjugando múltiplas vozes em um mesmo espaço.....	27
Capítulo 4: Entre a Rua e a Biblioteca: uma observação- participante.....	30
4.1 Metodologia	30
4.2 Cultura e práticas culturais: alguns conceitos.....	32
4.3 Os usos ou consumos, táticas e astúcias: modos de “fazer com”.....	34
4.4 Perfil dos frequentadores entrevistados.....	35
4.5 A Rua dentro da Biblioteca.....	36
4.6 A Rua	46
4.6.1 Abordagem Metodológica	46
4.6.2 As dinâmicas da rua.....	47
4.6.3 O estigma da rua.....	48
4.7 Entre a Rua e a Biblioteca	53
Considerações Finais	54
Referências Bibliográficas.....	55
Anexo I.....	62

INTRODUÇÃO

A Rede de Bibliotecas Parque do Rio de Janeiro é um programa do Governo do Estado, coordenado pela Secretaria de Estado de Cultura e atualmente sob gestão do Instituto de Desenvolvimento e Gestão – IDG, uma Organização Social. O programa foi inspirado em experiências bem-sucedidas como as *Parques Bibliotecas* de Medellín, na Colômbia, e a biblioteca do *Centro Georges Pompidou*, na França.

A primeira foi inaugurada em abril de 2010, em Manguinhos, na zona norte da cidade (Biblioteca Parque de Manguinhos - BPM). Em seguida, foram implementadas a Biblioteca Pública de Niterói (BPN, reinaugurada em julho de 2011, após extensa reforma e restauração) e a Biblioteca Parque da Rocinha (BPR, inaugurada em junho de 2012). Reinaugurada em 29 de março de 2014, após extensa reforma, ampliação e modernização (o prédio original abrigava a Biblioteca do Estado, inaugurada em 1873 por Dom Pedro II), a Biblioteca Parque Estadual é a matriz da rede, além de ser a maior e mais frequentada das quatro Bibliotecas Parque do estado.

Frequento a Biblioteca Parque Estadual desde a sua reinauguração após a reforma, no modelo Biblioteca Parque, no começo de abril de 2014. Ao entrar pela primeira vez, sentia que aquilo ali, se não era algo revolucionário, era pelo menos algo diferente. O que senti ali não havia sentido em biblioteca alguma. A sensação de querer estar lá, passar uma tarde toda, me deleitar nos livros, nas imagens das exposições, nas frases escritas pelas paredes coloridas de toda a biblioteca. A vontade de deixar o corpo cair em uma das poltronas confortáveis e um tanto lúdicas. E deixar a mente voar ao ler um livro de poesias. A curiosidade de tanta informação junta. Pessoas de todas as origens, raças, idades, escolaridade, estilos, classes sociais. E população em situação de rua. Muitos deles. Reparei nessa singular presença em grande parte devido a um grande amigo meu, o Fran, que frequentava de vez em quando a biblioteca, em especial o setor multimídia.

Dos cerca de 1000 usuários em situação de rua cadastrados pela biblioteca, cerca de 250 a frequentam com alguma assiduidade. Em sua maioria homens, adultos, de baixa escolaridade. Alguns leem, outros escrevem, muitos navegam na internet através dos computadores disponibilizados. Mas a maioria parece preferir ver filmes. O setor multimídia

da biblioteca é, assim como eles, estigmatizado – “cheira mal”, “incomoda”, “é mal frequentado”.¹

Localizada em frente à estação Central do Brasil, no coração da cidade, a biblioteca abre suas portas todos os dias à adultos, adolescentes, crianças e idosos. Estudantes do ensino médio, fundamental, graduação e pós-graduação, concurseiros. Empresários, camelôs, empregadas domésticas, pedreiros, desempregados, professores, artistas, aposentados. Moradores dos mais variados bairros da cidade e do estado - da baixada fluminense à zona oeste, da zona sul ao subúrbio - e, a seu público mais fiel: aqueles que dormem nas ruas da região, em locais como o Parque Campo de Santana e seus arredores, a Carioca, a Praça Tiradentes, os arredores da estação Central do Brasil e as ruas da Lapa. O recorte da pesquisa – estudo da população em situação de rua em sua fruição de um espaço cultural – se deve a isso: poucos são os espaços culturais onde se pode ver esse grupo social entre o seu público. Ainda, poucos ou nenhum são os trabalhos na área acadêmica que exploram a relação entre esse grupo social e suas práticas culturais.

Este trabalho mostra os resultados de um estudo de caso realizado entre os meses de outubro de 2014 e outubro de 2015. Seu objetivo é, através da legitimação da presença da população em situação de rua nesta biblioteca, entender quais são os usos, as práticas e percepções do espaço cultural e as significações produzidas a partir dele. É importante mencionar que não me proponho, aqui, a fazer uma análise sociológica da condição social da rua e tampouco dos processos mais complexos de exclusão e marginalização social que compõem tal condição, dentro de uma sociedade marcada por profundas desigualdades.

No primeiro e segundo capítulos, procuro contextualizar o surgimento das Bibliotecas Parque no Estado do Rio de Janeiro a partir de uma observação do seu território: o centro da cidade do Rio de Janeiro, capital que vive um modelo de cidade-negócio excludente e de gentrificação, que afeta em especial os mais miseráveis e marginalizados socialmente – caso do grupo social aqui estudado.

No terceiro capítulo, o objeto central é a Biblioteca Parque Estadual (BPE de agora em diante). A Biblioteca-Parque como um novo modelo de biblioteca pública, mais acessível, moderno e atento às questões sociais e urbanas das grandes metrópoles. O espaço da biblioteca, seu território e seus grupos sociais. Esse capítulo foi construído a partir da observação não-participante, com os relatos do campo, e principalmente, da observação-participante, a partir de diversas entrevistas realizadas com funcionários e usuários.

¹ Diversas foram as vezes que ouvi tal expressão de outros frequentadores, que foi inclusive relatada posteriormente em entrevista por um dos funcionários da biblioteca (o qual não irei citar neste momento), ao falar sobre o preconceito que há contra esse setor.

No quarto capítulo, conjugo essas duas realidades (a rua e a biblioteca) e procuro entender, finalmente, quais são os usos, as práticas e as percepções que os indivíduos em situação de rua têm do espaço da biblioteca. A partir de entrevistas semi-estruturadas com trinta usuários em situação de rua e com os funcionários, além de entrevistas abertas e em profundidade com o mediador social da biblioteca, fica a tentativa de dar visibilidade à essa produção cultural.

A presença ainda bastante tímida deste modelo de biblioteca na literatura biblioteconômica constitui em si um interesse para essa pesquisa. Como um programa ainda muito recente no contexto nacional, as Bibliotecas Parque são ainda objeto pouco estudado no campo acadêmico. Desse modo, esta pesquisa visa também contribuir para a reflexão sobre este novo conceito de biblioteca, como também ampliar o debate em torno do papel desse tipo de espaço cultural na cidade do Rio de Janeiro.

Capítulo 1: Rio de Janeiro: contexto político, social e cultural da cidade-negócio

Junho de 2013. Uma multidão insurgente tomava as ruas da cidade e do país. As manifestações populares, que surgiram inicialmente em protesto ao aumento das tarifas de transporte público, nas principais capitais, serviram de porta-voz para uma série de insatisfações por parte dos cidadãos brasileiros e colocaram na agenda política nacional pautas sociais importantes. No Rio de Janeiro, a “cidade maravilhosa”, capital turística do Brasil e vitrine dos grandes negócios internacionais, indivíduos de diversas camadas sociais e setores da sociedade, movimentos sociais organizados ou não, revoltavam-se contra o modelo de cidade-negócio que vinha se consolidando. Palco de megaeventos como a Copa do Mundo, em 2014 e as Olimpíadas, em 2016, o Rio de Janeiro foi, nos anos que se seguiram, palco também de diversas violações dos direitos humanos. Sob justificativa dos eventos citados, milhares de famílias de classes populares foram removidas de suas habitações (dentro das “obras de intervenção urbana”) e transferidas para áreas distantes da cidade, configurando um claro processo de segregação social e limpeza urbana, reorganizando a cidade de forma a atender aos interesses das classes mais altas e o investimento do capital. A “fórmula” dessa cidade-negócio? Uma cidade cada vez mais cara, elitizada, segregadora e gentrificada, projetada para fora, e ignorante das demandas de sua população, que vê o exercício da cidadania cada vez mais fragilizado. Segundo a definição de Braga (2015, p.1)

Entende-se como cidade-negócio a radicalização da cidade capitalista, que transforma a forma urbana e seus cidadãos em produtos a serem comercializados no mercado internacional, amparados pela implantação e repetição de modelos autoritários, excludentes e de vigilância, acabando por se tornar o caminho de perpetuação e fortalecimento do planejamento pautado nos interesses econômicos em detrimento das demandas sociais.

Dentro deste contexto, os setores provavelmente mais afetados são aqueles socialmente mais vulneráveis: mulheres, negros, pobres, moradores de favela, população em situação de rua.

1.1 Os números da rua

Segundo dados do censo realizado em 2013 pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, havia 5.580 pessoas dormindo nas ruas da cidade do Rio de Janeiro (sendo que outras 2.150 viviam em abrigos). O maior número (33,8%) se concentra na região central. Desses, 84,3% são homens, 72,4% são adultos entre 25 a 59 anos de idade e 75,99%

possuem apenas o ensino fundamental completo.² Apesar de não haver dados oficiais atualizados (o próximo censo será realizado em 2016), esses números acima citados não são reais, uma vez que desconsideram uma grande parcela da população que não se enquadra nos estereótipos da população em situação de rua. Segundo o sociólogo que trabalha no setor de Mediação Social da Biblioteca Parque Estadual, Fábio Moraes:

Antes o governo não reconhecia um cara que tem casa, mas trabalha na rua e vive na rua durante a semana para trabalhar, como situação de rua. Ele só reconhecia o morador de rua, o mendigo, o cara que está na rua e não tem nada. Assim como não consideravam quem está em abrigo como situação de rua. Então essa estatística serve para esconder uma porção de gente.³

O próximo censo, em 2016, irá contribuir positivamente para essa questão, ao ampliar as definições e situações para enquadramento nessa categoria, mas acredita-se que ainda não será suficiente para dar conta da realidade urbana, bem mais complexa que as estatísticas. Mas será mesmo que um órgão como a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, que representa este modelo de cidade-negócio, está preocupada em mostrar dados reais? Fica a pergunta, e a necessidade de se criar meios de visibilidade para uma população que, sem dúvida, vem aumentando em proporções alarmantes.

1.2 O direito à cidade

Segundo o geógrafo David Harvey, vivemos em um mundo “onde os direitos de propriedade privada e a taxa de lucro se sobrepõem a todas as outras noções de direito” (2008, p. 73). Assim, o *direito à cidade* se configura enquanto direito fundamental e urgente frente à esse cenário. Segundo ele, “a qualidade de vida urbana tornou-se uma mercadoria, assim como a própria cidade, num mundo onde o consumismo, o turismo e a indústria da cultura e do conhecimento se tornaram os principais aspectos da economia política urbana” (idem, p. 81). Harvey fala de um cenário mundial, onde o Rio de Janeiro é um exemplo perfeito desse modelo urbano. A crescente desigualdade econômica tem desapropriado a maioria dos indivíduos do direito à cidade. Nesse cenário, a população em situação de rua é uma categoria social bastante afetada nessa luta pelo espaço comum, por um direito de usufruir da cidade. Sem moradia, muitas vezes sem nomes ou rostos, são “zés” e “marias ninguém” na paisagem cinza da metrópole.

² Fonte: Censo da População em situação de rua/ SMDS, 2013. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4576565/4118206/PesquisaCenso.pdf>>. Acesso em 11 de abril de 2015.

³ Fábio Moraes, sociólogo. Entrevista em 18 de novembro de 2015.

1.3 A cultura como ferramenta de direito à cidade

A ocupação do espaço cultural que se diga público deve ser, assim, uma forma de resistência frente a esse modelo de planejamento urbano realizado de cima para baixo. Esse mote me levou a pensar sobre o modelo de espaço cultural público da cidade do Rio de Janeiro. Estes, em sua maioria, são cercados por *muros invisíveis* - sua arquitetura, fachada, localização e estrutura na maioria das vezes constituem em barreiras, quer físicas, quer sociais, para determinados grupos ou indivíduos- ainda que estes espaços sejam públicos e de acesso gratuito. Não resta dúvidas de que estes grupos/indivíduos são aqueles mais marginalizados dentro da sociedade: negros, pobres, travestis, população em situação de rua.

O recorte da pesquisa – estudo da população em situação de rua frequentadora da Biblioteca Parque Estadual – se deve à isso: poucos são os espaços culturais onde se pode ver esse grupo social entre o seu público.

Capítulo 2: As Bibliotecas Parque: novos usos para um novo modelo de biblioteca

A Rede de Bibliotecas Parque do Rio de Janeiro é um programa do Governo do Estado, coordenado pela Secretaria de Estado de Cultura e atualmente sob gestão do Instituto de Desenvolvimento e Gestão - IDG. O programa foi inspirado em experiências bem-sucedidas como as *Parques Bibliotecas* de Medellín, na Colômbia, e a biblioteca do *Centro Georges Pompidou*, na França.

Implementadas em 2006, as *Parque Bibliotecas* da cidade de Medellín, na Colômbia, são modernos complexos urbanísticos que abrigam uma biblioteca equipada com alta tecnologia, circundada por amplos espaços verdes de uso público e recreativo. A cidade de Medellín tem como pano de fundo um histórico de violência, narcotráfico e decomposição social de suas zonas periféricas. O Plano de Desenvolvimento de Medellín, criado em 2004 –do qual faz parte o projeto de implementação das *parques biblioteca* - teve como estratégia a intervenção social e urbanística nos territórios marcados pela violência e inequidade:

As bibliotecas parque colombianas foram criadas com a proposta de integrar os bairros pobres à cidade na tentativa de reconstruir o tecido social, ampliando as perspectivas de jovens e adultos moradores destas áreas. Entre as premissas do amplo programa de governo estavam ações voltadas às áreas mais abandonadas como regiões com menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e Índice de Qualidade de Vida (ICV), de maneira que a estrutura institucional chegasse àquelas áreas onde o Estado havia colapsado. (Oliveira apud Maranhão, 2015, p.7).

Assim, sua construção, em zonas marginalizadas da cidade, teve como objetivo a inclusão social a partir de uma oferta igualitária de serviços tecnológicos, informáticos, culturais, educativos, sociais e de acesso ao conhecimento, promovendo assim a igualdade social, a convivência e integração cidadã e o empoderamento de seus usuários. Podem, assim, ser definidas como “centro cultural para o encontro comunitário, onde podem ingressar livremente todas as pessoas, constituindo assim outra dimensão do espaço público” (Medellín. Alcaldía, apud JARAMILLO, 2010, p.3).

Ao todo, a cidade de Medellín conta com nove *parques biblioteca*, sendo que outras quatro estão em fase de construção /implementação. ⁴

2.1 Bibliotecas Parque no Estado do Rio: O programa e a gestão das bibliotecas-parque

Adriana Rattes, ex-secretária estadual de Cultura, explica o conceito das Bibliotecas Parque na ocasião de inauguração da Biblioteca Parque Estadual:

A biblioteca chama-se parque porque queremos que as famílias venham e passem por ela como se estivessem num parque. É como elas fazem com seus filhos, pais e irmãos em um final de semana. Essa é a ideia de uma Biblioteca Parque. Não é só um lugar de estudo e pesquisa, mas de encontro, convivência, festa, lazer, classes sociais, tribos e idades. ⁵

Durante a mesma ocasião, Sergio Cabral, ex-governador, assim as descreve: “O conceito de Biblioteca Parque é o epicentro de um projeto de um novo conceito de bibliotecas no país”⁶.

A primeira biblioteca, no contexto do projeto, foi inaugurada em abril de 2010, em Manguinhos, na zona norte da cidade (Biblioteca Parque de Manguinhos - BPM). Em seguida, foram implementadas a Biblioteca Pública de Niterói (BPN, reinaugurada em julho de 2011, após extensa reforma e restauração), a Biblioteca Parque da Rocinha (BPR, inaugurada em junho de 2012) e a Biblioteca Parque Estadual (BPE) em 2014. Todas receberam recursos do PAC - Programa de Aceleração do Crescimento, do Governo Federal (MARANHÃO, 2015). Sua gestão é feita através de uma Organização Social (OS), o IDG - Instituto de Desenvolvimento e Gestão, à frente da gestão de diversos equipamentos culturais na cidade do Rio (Bibliotecas Parque e Museu do Amanhã) e em Recife (Paço do Frevo e o Museu Cais do Sertão), através de convênios assinados com as Secretarias de Cultura de cada estado (MELLO, 2015). A Lei Federal 9.637 qualifica, através do Poder Executivo, as Organizações Sociais como “pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujas atividades sejam dirigidas ao ensino, à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico, à proteção e

⁴ Fonte: PENA GALLEGOS, Luz Estela. Las bibliotecas públicas de Medellín como motor de cambio social y urbano de la ciudad. *ibid.* Textos universitarios de biblioteconomía i documentació, 27. Barcelona, 2011.

⁵ Entrevista concedida ao jornal O Globo, em 29 de março de 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/biblioteca-estadual-do-centro-reaberta-apos-quatro-anos-de-obra-12027600#ixzz3tmHhTITZ>> Acesso em 08 de dezembro de 2015.

⁶ Idem, *ibidem*.

preservação do meio ambiente, à cultura e à saúde” (BRASIL. Lei Federal no 9.790, de 15 de maio de 1998 apud MELLO, 2015), podendo estas entidades estabelecer, assim, parcerias e convênios com o Governo para a gestão de instituições públicas. O IDG assinou o *contrato de gestão* (que tem a duração de 5 anos, podendo ser renovado) para as Bibliotecas Parque no final de 2013, mesma época de reinauguração da Biblioteca Parque Estadual.

O IDG, em seu Relatório de Prestação de Contas anual⁷, publicado em 2014 no seu site oficial, descreveu o Programa das Bibliotecas Parque do Rio de Janeiro como:

Um programa pensado para aprofundar a relação entre educação, cultura e cidadania, em especial em regiões de alta vulnerabilidade social, focalizando a promoção da leitura e o amplo acesso ao conhecimento. A oferta de atividades múltiplas em equipamentos cuja arquitetura é parte integrante do impacto sociocultural nas comunidades, associado ao uso e ao acesso extensivo das tecnologias propõem um espaço de inovação e criatividade que associa participação comunitária com desenvolvimento sociocultural.

2.2. Inauguração da Biblioteca Parque Estadual: uma estratégia eleitoral?

A Biblioteca Parque Estadual foi reinaugurada em 29 de março de 2014, após extensa reforma, ampliação e modernização (o prédio original abrigava a Biblioteca do Estado, inaugurada em 1873 por Dom Pedro II). Sua abertura foi realizada pelo então governador Sérgio Cabral, já no final de seu mandato e após extensa campanha que levou seu vice, Luiz Fernando Pezão (candidato do mesmo partido, o PMDB), a assumir o cargo em seu lugar, cinco dias depois. Na ocasião da cerimônia de abertura, o então futuro governador (hoje, atual) discursa:

“O maior presente de aniversário que eu poderia ganhar é ter convivido com você (Cabral). Ganhei um irmão. E inaugurar este espaço para a cultura na cidade só reforça a marca deste seu governo, que é andar de mãos dadas e ter colocado o Rio olhando para Brasília. Este governo não poderia terminar melhor abrindo esta biblioteca e ocupando mais um território da cidade”⁸

⁷ RELATÓRIO de prestação de contas anual 2014, Bibliotecas Parque, Instituto de Desenvolvimento e Gestão – IDG. Disponível em: http://www.idg.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Relatorio_Gestao_2014-Bibliotecas.pdf. Acesso em 15 de novembro de 2015.

⁸ Jornal O Globo, matéria de 29 de março de 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/biblioteca-estadual-do-centro-reaberta-apos-quatro-anos-de-obra-12027600#ixzz3tmHhTITZ>. Acesso em 08 de dezembro de 2015.

Não resta dúvidas de seu papel político-estratégico na pasta do governo: as Bibliotecas Parque, e em especial a BPE, foram o principal “carro-chefe” do governo na área cultural, a “menina dos olhos” para a cultura no estado, além de principal chamariz eleitoral.

Capítulo 3: A Biblioteca Parque Estadual

3.1 Biblioteca Parque Estadual, território e grupos sociais

As relações entre a biblioteca e o território, descritas como *relações comunitárias*, são um elemento em comum entre todas as bibliotecas parque e um eixo central para o projeto. Através de um programa específico e do diálogo constante com as redes locais, a biblioteca busca promover “articulações programáticas e de cultura cidadã” (Relatório de Gestão, 2014).

A Biblioteca Parque Estadual é a matriz da rede, além de ser a maior e mais frequentada das quatro Bibliotecas Parque do estado. Até o final de 2014, atraiu 306,256 visitantes, em comparação aos 57,444 visitantes da BPR, aos 75,723 visitantes da BPN e aos 87,100 visitantes da BPM. No ano de 2014, a BPE teve 13,855 usuários cadastrados em comparação aos 1,916 da BPN, 1,409 da BPR e 1,739 da BPM (Relatório de Gestão IDG, 2014).

Sua localização, na Avenida Presidente Vargas 1261 (entrada principal da biblioteca), em plena região central do Rio de Janeiro⁹, permite um fácil acesso a todas as áreas da cidade. A famosa estação de trem da Central do Brasil é a sua referência. Assim, seja via metrô, ônibus ou trem, a biblioteca é o destino - ou o ponto de partida – dos mais diversos meios de transporte público da cidade. Seu público frequentador, e não poderia ser de outra forma, é também o mais diversificado dentre as Bibliotecas Parque.

Além disso, está inserida em uma área territorial bastante popular, movimentada e de serviços referenciais para a cidade. É nesta região onde fica, por exemplo, o Restaurante Popular Cidadão da Central do Brasil (mais conhecido como “Betinho”), onde milhares de pessoas almoçam todos os dias pelo valor de R\$ 1,00 – muitas das quais pessoas em situação de rua. Já do outro lado da avenida Presidente Vargas, e colado à biblioteca, temos, de um lado, o Campo de Santana¹⁰ (parque histórico da cidade), do outro, o Mercado Popular mais famoso do Rio de Janeiro, o SAARA (Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega)¹¹, um enorme complexo de barracas e lojas de todos os tipos, onde milhares de pessoas vão todos os dias (menos domingo, dia em que quase nada no centro abre) fazer compras, garimpar, ou simplesmente passear, enquanto são bombardeadas por informações, acontecimentos, imagens e sons que caracterizam uma das regiões mais populares, históricas e emblemáticas da cidade. A região do SAARA¹² compreende desde a Rua dos Andradas até a Praça da República, rua que dá acesso ao Parque Campo de Santana e

⁹ Ver Anexo. Figuras 1, 2 e 3.

¹⁰ Ver Anexo. Figura 4.

¹¹ Ver Anexo. Figura 5.

¹² Ver Anexo. Figura 6.

também ponto onde está situada a biblioteca. Apesar de sua entrada principal ser via Av. Presidente Vargas, sua entrada alternativa, pela Rua da Alfândega (a rua mais antiga da região), é amplamente utilizada por aqueles que transitam pelas ruas do SAARA¹³. A entrada faz parte do prédio anexo, que conta ainda com uma biblioteca infantil¹⁴, uma loja de conveniências, o Teatro Alcione Araújo (um espaço multiuso para espetáculos de teatro, música, dança e eventos diversos), além do *Balcão Cidadão*¹⁵. Muitos aproveitam o espaço para utilizar os banheiros, beber água em um dos bebedouros ali instalados, utilizar o *wifi* da biblioteca para navegar em seus celulares ou simplesmente descansar em um dos bancos, aproveitando o alívio que o ar refrigerado proporciona aos transeuntes que “fervem” no sol e calor da cidade do Rio de Janeiro.

3.2 O Balcão Cidadão

Uma das formas em que a articulação entre a biblioteca e o território acontece é através do Balcão Cidadão, um espaço destinado a prover informações gerais para o cidadão carioca. Fábio Moraes, sociólogo e Mediador Social da biblioteca, explica:

Essa questão está concentrada no Balcão Cidadão, é ele que está à frente disso e vai fomentar essas articulações. Mas de que forma a gente vai enviar informação pra ele? É cada um com o seu setor. Então por exemplo, tudo o que diz respeito às ONGs, até às instâncias governamentais que estejam fazendo alguma coisa com população em situação de rua, ou com qualquer público mais vulnerável, eu estarei fomentando essas informações para o Balcão Cidadão. Tudo o que diz respeito à cultura, lazer, passando pelo setor da programação, por exemplo, é o Setor de Programação que vai fomentar o Balcão Cidadão com essas informações. Tudo o que diz respeito à leitura, contato direto com a Secretaria de Cultura, contato direto com o Estado, relacionado à esse mote da leitura, quem passa isso é a Gerência de Acervo e Atendimento. Todos nós temos que fomentar esse espaço, porque o Balcão Cidadão se tornou hoje basicamente informações da biblioteca e não é essa a proposta, temos de fomentar essas informações com encaminhamentos reais - de fato coisas concretas. Por exemplo, quais são os teatros que estão acolhendo novos atores? Aonde que uma pessoa pode ir para tirar uma certidão de nascimento? Quais são os cartórios onde ela pode fazer isso?

¹³ Ver Anexo. Figuras 7 e 8.

¹⁴ Ver Anexo. Figura 9

¹⁵ Ver Anexo. Figuras 10 e 11.

Quando a gente diz fomentar, não é só dar informação: é dar essa informação e mantê-la ativa, vulcânica, circulando e atualizada.¹⁶

De igual modo, o Balcão Cidadão também trata da relação com o SAARA, com o Campo de Santana, com os grupos que trabalham com ocupações do entorno, assim como com as instâncias do entorno, como o Corpo de Bombeiros. Isto é, um espaço dedicado às questões entre a biblioteca e o seu território, que diz respeito também, é claro, à população em situação de rua que ali circula.

3.3 Muitos ambientes em um: setores e espaços da biblioteca

Atravessando o prédio anexo está o pátio¹⁷, área externa da biblioteca que conta com mesas charmosas e equipadas com iluminação e tomadas, além de mesas pensadas para refeições. Ali está o monumento “Espelho antes do nome”, do artista Waltercio Caldas (2014), e ao lado há um bicicletário. O pátio é um local de encontro, reuniões, ensaios de grupos artísticos, atividades educativas e também de estudo.

A partir do pátio, pode-se ingressar ao subsolo da biblioteca, onde há diversas instalações e serviços, como o *café literário*¹⁸, os *laboratórios*¹⁹ (salas fechadas com mesas, cadeiras, projetor digital e lousa branca para escrever, utilizados para oficinas, palestras, cursos e reuniões), além do *auditório Darcy Ribeiro* (onde são realizadas diversas atividades, desde debates, encontros com autores, apresentações artísticas, cursos, palestras a exibições de filmes).

O perfil do público frequentador é bem amplo: todos os dias, a biblioteca abre suas portas a centenas de adultos, adolescentes, crianças e idosos. Estudantes do ensino médio, fundamental, graduação e pós-graduação, concurseiros. Empresários, camelôs, empregadas domésticas, pedreiros, desempregados, professores, artistas, aposentados. Moradores dos mais variados bairros da cidade e do estado - da baixada fluminense à zona oeste, da zona sul ao subúrbio - e claro, aqueles que dormem nas ruas da região. Há aqueles que vêm para estudar; há também o leitor mais clássico, que frequenta a área de literatura; há os que vêm para acessar a internet; aqueles que frequentam o setor multimídia, onde assistem filmes; há aqueles que vêm trabalhar, ensaiar, pesquisar; outros que leem jornais (em sua maioria idosos e pessoas em situação de rua), revistas, quadrinhos. Há ainda aqueles que vêm simplesmente para passar o tempo, muitos deles trabalhadores da região central da cidade que encontram, na biblioteca, um lugar perfeito para descansar no seu horário de almoço. Ou

¹⁶ Entrevista realizada em 18 de novembro de 2015.

¹⁷ Ver Anexo. Figuras 12 e 13.

¹⁸ Ver Anexo. Figura 14.

¹⁹ Figuras 15 e 16.

então aqueles que estudam no centro e, após o horário de saída do trabalho, encontram um momento para espalhar a mente e relaxar o corpo, enquanto aguardam o horário da aula. Há ainda os que vêm para não fazer nada, ou melhor: para exercer o ócio. Espaço para tal atividade é o que não falta: no primeiro andar, está o *espaço do ócio*²⁰, destinado à contemplação e ao exercício do ócio criativo. O espaço é amplamente utilizado, tanto para a leitura das diversas revistas e publicações ali presentes, quanto para o descanso em umas confortáveis cadeiras.

Além do espaço do ócio, a biblioteca conta com diversos ambientes, divididos em três andares. Com características lúdicas, modernas e acolhedoras, que estimulam a criatividade, a liberdade e a informalidade²¹, a biblioteca aposta em uma estrutura agradável e atraente, na multiplicidade do acervo e dos suportes para leitura e na diversidade de propostas para o conhecimento e o lazer. Nas palavras de dois usuários entrevistados:

Ela é bem diferente, ela não tem cara de biblioteca. Ela é bonita, não é carregada, o fato das estantes não serem até o teto, quer dizer, você enxerga as pessoas. Geralmente as bibliotecas te escondem, aqui não, aqui você enxerga a outra pessoa do outro lado da prateleira. É uma outra proposta, do 'vamos se olhar', 'vamos conversar'. [...] Esse layout deixa muito à vontade quem nunca veio à uma biblioteca antes, é uma biblioteca que não dá medo. Você olha para a atendente e percebe que ela não está lá, te cuidando para ver se você fala alto.²²

É um conceito bem atual, uma biblioteca que foge bem do tradicional. É acessível ao público mais simples, que tem difícil acesso à cultura.²³

Entrando pela porta principal, que dá acesso ao primeiro andar da biblioteca, o visitante pode optar por acessar, por exemplo, o *espaço expositivo*²⁴, ao lado esquerdo, ou as instalações localizadas no subsolo e prédio anexo. Para acesso às demais instalações, é necessário aguardar na fila para ser atendido por um(a) dos(as) recepcionistas, que solicitarão algum documento com foto e designarão algum dos armários²⁵ para guardar os pertences (mochilas e bolsas). Ambientes como o *espaço mundo* (setor com um rico acervo de âmbito internacional), a *guanabarina*²⁶ (setor destinado a pesquisadores, que reúne um

²⁰ Figura 17.

²¹ Ver Anexo. Figura 18.

²² Entrevista realizada em 10 de junho de 2015 com um usuário, ávido leitor e frequentador de bibliotecas, que estava na BPE pela primeira vez.

²³ Entrevista realizada em 10 de junho de 2015 com um outro usuário, sobre a função social da biblioteca.

²⁴ Ver anexo. Figura 19.

²⁵ Figura 20.

²⁶ Figura 21.

acervo de mais de 22 mil itens, dos séculos XV ao XXI, entre obras raras, livros, acervo iconográfico, mapas e fac-símiles de periódicos²⁷), um *estúdio de gravação*²⁸ completo e disponível para locação e cursos, o setor de *atualidades*²⁹ (espaço amplo e iluminado, que continha diversos jornais e periódicos atuais, mas que viu seu acervo reduzir drasticamente após o atraso de repasses de verba por parte do Governo estadual), o *espaço leitores especiais* (destinado à pessoas com deficiências motoras, visuais, auditivas e cognitivas, possui equipamentos modernos de auxílio a leitura, oferecendo livros em diversas plataformas como braile, audiolivros e livros digitais), *aquários*³⁰ (salas de estudo e leitura com paredes de vidro), além de diversas mesas para estudo³¹ e diversos computadores com acesso à internet destinados à adultos. Por fim, é no primeiro andar onde está situado também o *espaço multimídia*³².

O segundo andar da biblioteca parece, à primeira vista, ser mais reservado: conta com ambientes como o *setor infantojuvenil* com acervo e computadores direcionados a esse público; o setor de *HQs e quadrinhos*; diversos *aquários* para leitura e estudo; computadores com acesso a internet (no total são 200)³³; mesas amplamente utilizadas por estudantes, concurseiros e pesquisadores³⁴; e uma parte do acervo de mais de 200 mil livros de ficção e não ficção das áreas mais diversas do conhecimento.

3.4 O setor multimídia

Dos 1000 usuários em situação de rua cadastrados pela biblioteca, cerca de 250 por mês a frequentam com alguma assiduidade. Por semana, são 60 que a frequentam quase diariamente. Em sua maioria homens, adultos, de baixa escolaridade. Alguns leem, outros escrevem, muitos navegam na internet através dos computadores disponibilizados. A maioria prefere ver filmes.

O setor multimídia, que conta com nove cabines privadas (na maioria das vezes compartilhadas por duas pessoas) é o mais disputado por eles. Em um dia da semana qualquer, é normal ver uma fila já formada em frente à entrada principal, aguardando o tão esperado momento de abertura. Assim que as portas se abrem, alguns correm, outros fazem novamente fila para serem atendidos no balcão da recepção, onde recebem a chave para guardar suas mochilas e/ou sacos nos armários. Muitos já carregam os fones de ouvido

²⁷ Fonte: <http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>

²⁸ Figura 22.

²⁹ Figura 23.

³⁰ Figura 24.

³¹ Figura 25.

³² Figuras 26, 27, 28 e 29.

³³ Figura 30.

³⁴ Figura 31.

(indispensável para o uso das cabines) separado, nas mãos. Os que correm garantem as senhas, que são distribuídas logo no início do expediente, para ver filmes. Aproximadamente 40 pessoas por dia (por mês, a média é de 1500 usuários) conseguem assistir a um dos 20 mil títulos do acervo. Outras assistem em pé mesmo – é comum ver usuários ao lado das cabines, “tirando uma casquinha” das imagens que aparecem em uma das 8 TVs de LCD³⁵. São filmes nacionais e estrangeiros, de todos os gêneros. O setor multimídia é o mais frequentado por eles – segundo estimativa da biblioteca, 90% das pessoas que o frequentam estão em situação de rua. Rony, atual funcionário que trabalha neste setor, cita os filmes mais vistos - são filmes de ação, como *O Gladiador* e *Tropa de Elite* – e comenta: “aqui é a sala de casa para eles”.

A BPE tem uma política interna de dinamização e rotatividade da área de atuação dos seus funcionários. Assim, os profissionais responsáveis pelo atendimento têm a experiência de trabalhar em diversos setores. Segundo Rony, esse era um setor que “todo mundo tinha um pouco de medo de ir”:

Eu também fiquei apreensivo. A mensagem que chegava de todos os setores era ‘multimídia não, troca comigo’. Tinha um pouco essa questão do medo. A gente estava muito separado da biblioteca. Hoje, através desse trabalho que a gente vem desenvolvendo, a gente começou a mudar algumas coisas, como a *temática de livros*. Começamos a expor os *dvd’s* junto com os livros também, porque tinha um preconceito até do livro chegar àquele espaço também. ³⁶

Rony cita uma das *estratégias* adotadas pela biblioteca para o incentivo à leitura: a ação cultural ‘temática de livros’, que consiste em criar dias temáticos para a exposição de livros no setor multimídia. Assim, no dia do bibliotecário, por exemplo, foram expostos livros sobre o assunto no local. Faz parte dessa ação expor livros que dialoguem com filmes do acervo também. Para ele, que diz sempre indicar livros aos usuários do setor, “acontece de alguns lerem” ou já irem com algum livro para aguardar a senha:

Eles não ficam mais o dia todo aqui, esperando a senha. Então, em algum momento, ele vai se deparar com alguma coisa que vai chamar a atenção dele. O livro pode te apaixonar.

E completa:

Pra mim, a função principal da biblioteca é incentivar a leitura. Mas não a leitura do livro, a leitura cultural, do mundo, do ser humano, do seu espaço,

³⁵ Figura 32.

³⁶ Entrevista realizada em 23 de abril de 2015.

das pessoas, do ambiente que você está. A biblioteca é um ponto de integração cultural.

Rony comenta das mudanças no setor e da *dinâmica* de *assistencialismo* a ele atribuída:

Ao longo do tempo a gente modificou algumas coisas. Todo dia tinha confusão de filas. Resolvemos distribuir as senhas de uma vez só, pela manhã. Mas também abrimos o horário das 17h para que outras pessoas pudessem acessar o espaço, o que não acontecia. O usuário novo, até por ver aquela confusão, não vinha, ou quando chegava no horário tipo 17h já não conseguia acessar. Então a gente achou que tinha que ter um horário para as pessoas novas, para quem era a primeira vez. Depois da terceira vez, ele não é mais novo e não tem mais preferência nesse horário. Então ele começa a vir também outros dias e horários. A regra vale para todo mundo, todos são tratados da mesma maneira. Eles (usuários em situação de rua) choravam no início, querendo benefícios. Mas começaram a entender como funciona aqui e começaram a se sentir inseridos na biblioteca.

Assim como o setor multimídia, o setor de *atualidades*, destinado à leitura e exposição de periódicos e jornais, era amplamente utilizado pela população em situação de rua que, segundo Rony, costumava ficar ali, muitas das vezes procurando algum emprego na sessão de classificados dos jornais populares. Desse modo, a biblioteca pode representar, para esse público, uma ponte fundamental para a formação ou recuperação de um sentimento de *cidadania*:

Com o tempo, a própria pessoa percebe que ela pode procurar outras coisas. Já aconteceu de a pessoa voltar um tempo depois e falar, toda orgulhosa: ‘poxa, tô sem tempo pra vir aqui né, tô trabalhando...’ ou vir contar ‘tirei meu documento agora’, ou ‘tirei minha carteira de trabalho’.

3.5 A Mediação Social na biblioteca

Em meados de março de 2015, após uma série de visitas à biblioteca, decidida a começar as entrevistas com seus frequentadores³⁷, entrei em contato e marquei uma entrevista com Fábio Moraes (já citado acima), minha ponte com os usuários em situação de rua. Ao esperá-lo, me sento ao lado do balcão de atendimento, de frente para o Setor Multimídia. São 18h30

³⁷ Optei pela escrita em primeira pessoa, devido ao caráter metodológico da pesquisa de campo e dos fatos relatados. Essa escolha não exclui, no entanto, análises e interpretações construídas a partir de outros autores e colaboradores da pesquisa, que aparecem citados e/ou incluídos no discurso apresentado.

da noite e a biblioteca já começara a esvaziar. Faltava apenas meia hora para seu fechamento. Presencio um conflito envolvendo um rapaz que parecia estar em situação de rua: um barulho forte vindo do setor multimídia. De repente, ouço as funcionárias do balcão de atendimento do térreo dizendo “Luana³⁸, você está bem? ”, indo em direção ao setor. Um rapaz, jovem, com vestes sujas, expressão facial raivosa, vem na minha direção. Atrás dele, o segurança, que o pede para parar e pergunta “você agrediu a mulher? ”. A moça, Luana, sai do balcão multimídia, de braços dados com uma das funcionárias, chorando. É acompanhada para dentro do espaço reservado para funcionários, atrás do balcão de atendimento. O segurança agora é mais enfático: “volta aqui! ”, “você agrediu ela? ”. Uma moça, negra, se senta ao meu lado e diz “tudo bem que esse pessoal aí da rua possa entrar, mas eles sempre arranjam confusão”. Eu pergunto a ela: “você viu o que aconteceu? ”. Ela responde: “parece que ele agrediu a mulher. Deve ter agredido verbalmente. ”

O clima agora é de mais tensão. Os seguranças, agora dois, já rodeando o rapaz, o levam para um sofá e apontam o dedo em sua cara, pedindo maiores explicações, de forma intimidadora. A discussão se prolonga um pouco mais, até que chegam dois policiais, pedem para que o rapaz se levante e o revistam: “aonde tá os documentos? ” As pessoas ao redor observam, paradas. Além da colega ao meu lado e de um senhor que faz comentários em voz baixa, não percebo qualquer reação por parte dos outros usuários, como se a cena toda fosse natural, corriqueira. O rapaz é levado para fora da biblioteca, provavelmente para a delegacia, acompanhado pelos policiais. Quem media o conflito é o Fábio, sociólogo e mediador social da biblioteca quem, para alguns funcionários, exerce a função de “assistente social”. Uma mulher, negra, pobre, mais velha, acompanhada por uma criança também negra, sai do setor multimídia e corrobora com a sua versão dos fatos, dizendo à uma das funcionárias: “foi ela quem não agiu corretamente, ela tá mal, num dia ruim, tava destratando as pessoas. ” Ouço os funcionários falando: “machucou um pouco o olho, tá inchadinho, mas não foi nada não, foi mais o susto né”.

O clima esfria novamente e tudo volta ao normal. Fábio passa por mim e, finalmente, tenho a oportunidade de conversar com ele, que explica o que aconteceu: o rapaz tinha jogado um objeto (provavelmente algo grande como um grampeador) no rosto da funcionária. “Colocamos ele numa listinha de castigo. Ele pode entrar, mas não pode mais usar nada”, diz Fábio. Durante a conversa, Fábio me elucida sua função na biblioteca: “Sou mediador social e não assistente social. Nossa política não é a de assistencialismo”.

³⁸ Os nomes de todos os entrevistados em situação de rua e de alguns funcionários foram modificados, em respeito à sua privacidade.

3.5.1 A mediação social conjugando múltiplas vozes em um mesmo espaço

Tendo em vista a peculiaridade de seu público frequentador, a BPE incluiu em seu quadro de funcionários um mediador social. Fábio explica as principais diferenças do trabalho de mediação social na BPE com relação às outras Bibliotecas Parque³⁹:

A Biblioteca Parque Estadual tem uma peculiaridade em relação às demais Bibliotecas Parque né... que são dentro de favelas e isso facilita, de alguma forma, as relações, porque você lida com um único tipo de perfil, de parcela da sociedade. Eles têm outros “perrengues”, que não são os nossos. É tudo mais desenhado. Você está lidando mais ou menos com pessoas que têm o mesmo perfil econômico, moram no mesmo lugar, se conhecem muitas vezes. Aqui na biblioteca a gente lida com todo mundo, é todo mundo de verdade, todos os dias. Então a mediação de conflito acontece a todo momento, inclusive com os funcionários. Você chega na BPR (Biblioteca Parque da Rocinha) e 70% dos funcionários são de lá da comunidade mesmo. Fica tudo muito mais fácil. Aqui não, aqui os funcionários são de lugares diversos do Rio de Janeiro, com culturas diversas, com tipos de criação completamente diferentes um do outro. E a mediação social, ela serve pra isso, ela não serve só para a relação com o público. O tamanho faz diferença, nós somos 5 vezes maior que qualquer BP. Além de termos a proposta de ser um centro cultural, para além de Biblioteca Parque.

Fábio trabalha há 21 anos com população em situação de rua:

A mediação social na BPE foi pensada depois da sua inauguração: Manguinhos (a Biblioteca Parque de Manguinhos) tem há algum tempo, mas com outro conceito, uma coisa mais de apagar incêndio, sem uma relação tão conceitual, tão discutida, como hoje é. Então, quando a Biblioteca Estadual inaugurou, nós não contávamos com essa função, eu nem fazia parte do quadro de funcionários. E aí quando eles inauguraram a biblioteca e perceberam, por exemplo, que os pufes viraram cama pra galera da rua dormir, que houve uma invasão dessa população num espaço como esse – não que eles tivessem a ingenuidade de imaginar que gente pobre não entraria - mas eu acho que os conflitos que começaram a surgir por conta disso, ninguém contava com isso.

Seu trabalho, por vezes confundido com o de um assistente social, diz respeito *também* à inclusão e promoção de cidadania para a população em situação de rua, público por ele considerado como mais assíduo da biblioteca. No entanto, vai muito além: é um desafio

³⁹ Entrevista realizada com Fábio Moraes no dia 8 de maio de 2015, na Biblioteca Parque Estadual.

cotidiano e constante de conjugar vozes oriundas de diversos agentes, reunidas em único espaço físico, transformando-as em potência e múltiplas possibilidades. Algo bastante ousado e complexo, que envolve processos de construção, afeto e, principalmente, diálogo, como ele próprio explica:

A mediação na BPE envolve esses conflitos que passam para além do túnel. É o que se discute entre Zona Norte e Zona Sul, entre subúrbio e Zona Norte, entre Baixada Fluminense e Rio de Janeiro. Todas essas discussões vêm culminar aqui, em plena Central do Brasil. Não é à toa, a Central do Brasil é o lugar de se culminar qualquer conflito. E olha que não tô nem falando de pessoas em situação de rua, que é onde tem a maior concentração de população em situação de rua da cidade é aqui também. E mediação social não é só de conflito, muitas vezes é mediação de ideias. E como assimilar todas essas ideias e entendê-las?

Mediação, para ele, é o exercício de se colocar o tempo inteiro no lugar dos “pontos que são divergentes”. Assim, mediação tem mais a ver com construção, com cotidiano:

A mediação social não dá certo na maior parte das vezes. É um trabalho de formiguinha, você nunca conquista uma situação. É bem gradativo, tem a ver com a redução de danos. Eu quero ajudar a chacoalhar. As pessoas precisam de resultado o tempo inteiro. Mas o meu trabalho é um trabalho em que você não vai encontrar nenhum resultado. Resultado para mim não é um cara que chega aqui e resolve depois voltar pra casa. Resultado para mim é poder ajudar qualquer pessoa que chegue aqui, entender que existem muitas possibilidades na vida. Parece muito simples, mas é muito difícil e complexo e os resultados são mínimos. Mas a gente não sabe o que o nosso contato pode mudar na vida de uma pessoa.

O conceito de mediação social, surge, segundo Fábio, a partir de uma discussão entre os agentes da biblioteca. Seu uso, dentro do campo cultural, é algo inovador – a mediação social, representa, inclusive, uma inovação do próprio conceito de centro cultural. De um equipamento para fruição de produtos e manifestações culturais, passa a ser um espaço que se preocupa também com as questões sociais, onde aparecem debates fundamentais como os usos do espaço público e o pertencimento à cidade:

E aí a gente tem uma preocupação enorme com isso, tão maior quanto a preocupação de formar leitores. Então a gente quer que essas pessoas tenham uma sensação de pertencimento, de apropriação dos espaços públicos – e essas pessoas não são só as pessoas em situação de rua, mas também a pessoa que vem da baixada, onde não tem isso, ou do subúrbio, onde ela também não tem isso – queremos fomentar isso.

A mediação social, a cultura cidadã e a participação social formam o tripé do programa comunitário implementado pelas Bibliotecas Parque (Relatório de Gestão IDG, 2014:11). Fábio comenta que existe a proposta de se discutir esse conceito mais a sério, além da organização de um fórum sobre isso na BPE. Para ele, esta biblioteca vem cumprindo um papel de educadora social, ainda que de forma bem lenta.

No entanto, dentro de um sistema social capitalista, hierárquico e segregador, é necessário apontar as problemáticas existentes quando se concebe um espaço, por si só, como resistência a esse modelo.

Capítulo 4: Entre a Rua e a Biblioteca: uma observação-participante

4.1 Metodologia

Como falar em práticas culturais de um 'grupo social' que, quando não invisibilizado, é estigmatizado? Essa particularidade do objeto de estudo em questão é também a sua própria relevância. A partir de categorias antropológicas como "familiar" e "exótico" (VELHO, 1987) podemos pensar essa questão: enquanto nós, moradores de grandes cidades brasileiras, somos acostumados a ver pessoas dormindo nas ruas todos os dias, o que as torna "familiar" para nós, ao mesmo tempo, muito pouco ou quase nada conhecemos sobre sua realidade. Daí a importância de se estudar um objeto tão familiar e, no entanto, tão distante, exercitando o nosso olhar para a diferença que nos compõe enquanto seres humanos. Essa diferença é ainda mais importante de ser estudada quando ela não só é desconhecida, mas sobretudo estigmatizada.

A abordagem mais adequada para este estudo foi a antropológica. A pesquisa de campo na Biblioteca Parque Estadual teve como maior característica a observação-participante e entrevistas. Na tentativa de compreender os usos, as práticas e percepções do espaço cultural, foram realizadas inicialmente trinta entrevistas individuais semiestruturadas com 30 usuários em situação de rua que frequentam a biblioteca. A partir de um roteiro de perguntas previamente elaborado, de forma a também facilitar o processo de sistematização de dados, foi possível gerar novas questões e direcionamentos de pesquisa, levantados pelos próprios entrevistados. A segunda fase da pesquisa, contou, desse modo, com entrevistas em profundidade realizadas com três dos usuários mais assíduos, além de algumas entrevistas semiestruturadas com os funcionários e a continuidade da observação-participante.

A metodologia descrita até agora foi muito eficaz na compreensão dos discursos que emergem a partir das perguntas e questões colocadas pela pesquisadora aos agentes, na imersão do universo dos próprios agentes (onde o que importa é a quebra da barreira pesquisadora/pesquisado) e na compreensão do microcosmos que se revela a partir da fala de cada sujeito – sua visão de mundo, opiniões, perspectivas, trajetória pessoal e história de vida. No entanto, houve inúmeros momentos onde a observação não-participante provou também ser uma metodologia adequada, possibilitando um certo distanciamento entre pesquisador(a)/pesquisado, necessário para um entendimento macro comportamental do grupo social em questão e da estrutura de funcionamento do espaço cultural analisado. Utilizei como ferramenta de coleta de dados para tal fim os diários de campo, escritos a partir

de minha visão dos fenômenos observados durante as visitas ao campo, tanto na biblioteca como na rua.

As entrevistas individuais em profundidade, metodologia utilizada com o mediador social, foram essenciais para a elaboração do roteiro de entrevistas com os usuários em situação de rua. Essa metodologia de entrevista é muito útil na construção de conceitos e no entendimento inicial de um tema sobre o qual não há conhecimento prévio, com era o meu caso. A aproximação com os usuários foi, de modo geral, fácil. Às vezes, difícil era terminar as entrevistas - algumas mais pareciam uma sessão de análise. Me esforçava, ali como pesquisadora, em ser o mais neutra possível, mas aqueles microuniversos me fascinavam. Eu me sentia identificada e sabia que, ali, naquela conversa informal, mais do que dados unicamente interessantes à minha pesquisa surgiam – às vezes eram verdadeiras lições de vida.

Gilberto Velho (1987) fala de uma “inevitabilidade do envolvimento com o objeto de estudo”, no qual são características necessárias por parte do(a) pesquisador(a) a observação e a empatia. Em uma sociedade profundamente desigual, onde a realidade e as categorias sociais são hierarquizadas, criam-se estereótipos a respeito dos indivíduos. Um “mapa prévio” costuma nos familiarizar com os cenários e situações sociais de nosso cotidiano: dá a cada indivíduo seu nome, sua posição, seu papel - o que, claro, não significa que conheçamos as visões de mundo dos diferentes agentes ou as regras por detrás de suas interações. De igual modo, esse mapa frequentemente nos indica também nossas próprias posições, opiniões e lugar de fala. Tratam-se de “mecanismos classificatórios” que operam a todo momento. (VELHO, 1987: 127- 128) A realidade da pesquisa é, naturalmente, sempre filtrada pelos nossos pontos de vista, o que significa, como fui percebendo, uma impossibilidade de total neutralidade ou imparcialidade. O(a) pesquisador(a), enquanto membro da sociedade, depara-se com o seu papel: “coloca-se, inevitavelmente, a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo ou transcendê-lo e poder ‘pôr-se no lugar do outro.’” (Idem: 127) Esse exercício (da *empatia*) é a possibilidade da crítica, dos rompimentos, do dissenso, dos conflitos, dos desvios. Ele nos conduz, inevitavelmente, à reflexão, nosso maior objetivo ao fazer pesquisa. Concordo com Gilberto Velho quando afirma que “o próprio trabalho de investigação sobre a sociedade e cultura possibilita uma dimensão nova da investigação científica - o questionamento e exame sistemático de seu próprio ambiente”. (1987, p.128). Daí que possa, talvez, afirmar a maior motivação desse estudo: a sensibilização. Penso ser apenas através do contato e do afeto que podemos todos nos tornarmos seres humanos mais sensíveis. Mas só a sensibilização de nada serve se não para a mudança.

O que esperamos, ao fazer pesquisa em cultura, é que esse “mapa prévio” que possuímos e esse “mapa final”, produzido sempre como uma versão daquele objeto de estudo em particular, não nos faça pensar que conhecemos de fato uma dada realidade, mas nos faça romper paradigmas e ideias pré-concebidas, tornando o nosso modo de pensar mais complexo. Um modo de pensar que, segundo o filósofo francês Edgar Morin⁴⁰, a partir de um princípio dialógico, associe noções contraditórias e procure conceber um mesmo fenômeno, multirreferencial, interdisciplinar, mais completo. Daí também esta pesquisa estar mais vinculada à área dos Estudos Culturais - que tem por princípio a transdisciplinariedade - por entender justamente que a Cultura, assim como a própria compreensão do mundo, transcende as noções e metodologias de áreas específicas do conhecimento humano, compartimentadas em disciplinas e áreas de especialização. Estas tratam-se de uma inteligência parcelar, compartimentada, reducionista, mecânica. Quebra o complexo do mundo. Por isso, a necessidade urgente de uma “reforma do pensamento”, como propõe Morin. Uma mudança de paradigma, que procure unir, contextualizar, globalizar, mas que, ao mesmo tempo, reconheça o singular, o individual e aceite o desafio da incerteza (MORIN, s/d).

Assim, ainda que os métodos de trabalho de campo utilizados aqui sejam provenientes da antropologia, nossa compreensão dos fenômenos não pode se restringir a ela, pois esse trabalho entende a cultura de forma mais complexa.

4.2 Cultura e práticas culturais: alguns conceitos

Quando se fala em *cultura* e em *práticas culturais*, é importante problematizar o próprio conceito de “cultura” - palavra disputada ao longo dos séculos até os dias de hoje pelas mais diversas correntes de pensamento, áreas do conhecimento e teorias. “Cultura” é, ainda hoje, um conceito bastante amplo, controverso e, essencialmente, complexo. Uma primeira abordagem (muito bonita) para a palavra, está na sua etimologia:

“Vinda do verbo latino *colere*, na origem cultura significa o cultivo, o cuidado. Inicialmente, era o cultivo e o cuidado com a terra, donde agricultura, com as crianças, donde puericultura, e com os deuses e o sagrado, donde culto. Como cultivo, a cultura era concebida como uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém; era fazer brotar, frutificar, florescer e cobrir de benefícios.” (CHAUÍ, 2008: 55)

⁴⁰ Da necessidade de um pensamento complexo, MORIN, s/d.

Infelizmente, esse sentido, como explica a filósofa Marilena Chauí, “foi-se perdendo, até retornar, no século XVIII, como sinônimo de *civilização*” (idem, *ibidem*). Através da corrente iluminista, à cultura foi atribuído esse significado, junto com o de “conhecimento”. Assim, cultura era algo que se adquiria. Naturalmente, era dividida em níveis e classificada. O que se podia chamar por “cultura popular” era onde havia a falta, o atraso. A “cultura erudita”, por sua vez, era exemplo da acumulação, de refinamento, do grau máximo da civilização. Essa mesma concepção ressurgiu um século depois, com o nascimento da antropologia, disciplina que, no seu início, serviu como instrumento de colonização com a aplicação máxima da ideia de “civilizar” outros povos, através do que o padrão europeu capitalista vigente entendia como “progresso” (idem: *ibidem*). Como isso tudo se manifesta nos dias de hoje? Ora, não raro o senso comum ainda divide pessoas em “cultas” e “não-cultas”, além do uso frequente de expressões como “fulano não tem cultura”.

Posteriormente Chauí (2008) demonstra como a ideia de *cultura* vai sendo modificada ao longo desse mesmo século, uma vez que passa a pertencer à esfera do *simbólico*, tendo, assim, sua concepção ampliada e sendo novamente incorporada pelos antropólogos europeus a partir da metade do século XX (idem, p. 56). A partir desse momento, o termo passa a ser entendido como:

“ (...) produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte. A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instauram a ideia de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano.” (idem, p. 57)

Assim, como falar em *práticas culturais* sem cair, como nos adverte Jesús Martín-Barbero, em uma “compartmentalização do próprio conceito de *cultura*” (BARBERO, 1997, p.14), isto é, atrelá-la aos objetos e às atividades de tipo especializados? Ainda hoje, frequentemente, quando se fala em práticas culturais, se faz referência ao “consumo cultural”,

em sua maioria de produtos e serviços. A expressão denotaria uma espécie de ação pontual: uma “prática”. Tal associação desloca sua natureza *social* à uma natureza mais do tipo *ritual*. Em decorrência disso, creio válido ressaltar, novamente, que este trabalho não pretende assumir qualquer noção do tipo iluminista de cultura, que se limite às atividades artísticas e/ou intelectuais e seus produtos. Assim, propomos abordar o conceito de *práticas culturais* no seu sentido mais simbólico e amplo possível, isto é, de *produção de significados*. O que significa compreender também como as atividades exercidas dentro do ambiente cultural são significadas e ressignificadas nas vidas de seus frequentadores em situação de rua, para além dos limites da biblioteca, isto é, no espaço da rua. Afinal, as práticas culturais são também *práticas sociais*.

Mediar, a partir de Barbero, é o ato de conferir sentido a partir de múltiplas possibilidades. É construção. Cotidiano. Mediar, assim, é também o ato de “fazer com”, são as “maneiras de fazer”. Pretendo, aqui, trabalhar com o conceito de “mediação” para entender os modos de produção de significado e os processos que constituem o que chamamos de práticas culturais.

4.3 Os usos ou consumos, táticas e astúcias: modos de “fazer com”

Como na literatura é possível distinguir as maneiras ou estilos de escrita, assim também existem as *maneiras de fazer* – que podem ser maneiras de habitar, caminhar, ler, falar, etc. (CERTEAU, 1980). As maneiras de fazer correspondem ao *uso* ou *consumo* por parte dos usuários – os indivíduos em situação de rua – não necessariamente de produtos (quais filmes, quais livros são lidos, o que fazem no espaço), mas as maneiras de uso desses produtos (como esses filmes são vistos? Como os sujeitos leem? Como veem o espaço e como se inserem nele? Como se relacionam com os demais sujeitos e agentes? Qual o projeto de identidade que pretendem transmitir nesse espaço?). Trata-se de investigar as *operações desses usuários*⁴¹ – seu consumo - no espaço da biblioteca, as *maneiras de utilizar* a ordem imposta pelo lugar. Segundo Certeau:

“Na realidade, diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como *consumo*, que tem como característica

⁴¹ Este termo aparece no trabalho em função da sua ampla utilização por Certeau (1980). No entanto, procuro problematizar seu sentido, que remete à uma esfera tecnocrática e mecânica da fruição cultural. Durante a pesquisa de campo, ao colocar essa questão para alguns funcionários, dois termos alternativos foram propostos: *frequentadores* e *público*. Essas alternativas serão priorizadas quando possível.

suas *astúcias*, seu esfarelamento em conformidade com as *ocasiões*, suas *piratarías*, sua *clandestinidade*, seu murmúrio incansável, em suma, uma quase *invisibilidade*, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios, mas por uma *arte de utilizar* aqueles que lhe são impostos”. (idem: 89)

Certeau enfatiza as *relações de força* que permeiam essas ações e maneiras de fazer e delimitam suas circunstâncias - mais especificamente, as *táticas* e *estratégias*. O que interessa, aqui, é ver a cultura a partir de um prisma dialético. Cultura é fluxo, a fusão de elementos, os contrários. É lugar de disputas e de batalha (HALL, 2003), de significações e ressignificações. Trazendo à tona o pensamento de Stuart Hall: “não podemos ignorar as relações absolutamente essenciais do poder cultural – de dominação e subordinação – que é um aspecto intrínseco das relações culturais.” (HALL, 2003, p. 254). Hall se refere assim ao que chama de *dialética da luta cultural* - o campo da cultura é campo de batalha permanente. A cultura representa, assim, não só *formas de vida*, mas *formas de luta*. Assim, a partir dos dois autores, a luta cultural pode assumir diversas formas – incorporação, resistência, negociação, apropriação, mediação, invenção. Jogos entre conter e resistir. Sedução e negação. Entre astúcias, táticas e estratégias.

Certeau define *estratégia* como a arma vinda de cima para baixo: “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças” (CERTEAU, 2014, p. 93), que requer um “próprio”. É o “poder do saber”, sob o qual impera a vitória do lugar sobre o tempo – o planejamento, a antecipação. A *tática*, por sua vez, é a “ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio” (idem: 94) – por isto, é *apropriação*. A tática, “arte do fraco” (idem: 95) é a vitória do tempo sobre o espaço, é uma brecha no tempo: o improvisado, o imprevisto, as ocasiões. A tática deve “jogar com o terreno que lhe é imposto” (idem, p. 94). São as *astúcias*.

Diz ele: “o que distingue estas daquelas são os *tipos de operações* nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar” (idem, p.87). As táticas subvertem os sentidos da ordem estabelecida. Joga com eles. Aproveita as *ocasiões*, as *brechas*. É a arte do *improvisado*, do *acaso*, do *instante*. A astúcia *caça* a procura de *circunstâncias*. Cria suas próprias *trilhas*, *fendas* e *metáforas*. Surpreende. São táticas *desviacionistas* que “não obedecem à lei do lugar, não se definem por ele” (Certeau, 2014, p. 87). Em suma, trata-se de observar quais são os *usos táticos* e as *maneiras de se apropriar* do espaço da biblioteca.

4.4 Perfil dos frequentadores entrevistados

Foram entrevistados, no total, trinta frequentadores da biblioteca em situação de rua, dos quais vinte e cinco do sexo masculino e apenas cinco do sexo feminino, entre 13 e 59

anos de idade. Dos 17 que responderam à pergunta sobre estado de origem, a maioria (14) afirmou ser natural do Rio de Janeiro, enquanto outras regiões como São Paulo, Minas e Nordeste foram citadas apenas uma vez. As perguntas sobre nível de escolaridade revelam uma realidade já apontada em pesquisa sobre a população em situação de rua do Rio de Janeiro feita pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social⁴²: dos 30 entrevistados, 19 possuem o ensino fundamental incompleto (todos realizados na rede pública de ensino), enquanto 2 dizem ser analfabetos e nunca terem frequentado a escola. No entanto, 3 dos entrevistados afirmam ter concluído o ensino médio (2 na rede pública de ensino e uma na rede privada). Apenas uma das entrevistadas diz estar estudando no momento. Mas há também quem tenha tido acesso a um grau superior de ensino:

Eu parei no quarto semestre de direito, mas quando eu preciso dar uma *revoltada* no tempo eu pego um livro, aqui tem tudo quanto é tipo de livro. ⁴³

Os indivíduos que costumam frequentar a biblioteca procuram se diferenciar de outros indivíduos também em situação de rua, ou mesmo do estigma a ela associado. Em uma das entrevistas, por exemplo, Fábio expõe:

A gente não vê, por exemplo, o mendigão, aqui. Aquele morador de rua clássico. É o que eu chamo de *galera cult da rua*: são aqueles que vêm à biblioteca, gostam de ver filme, querem ficar numa boa aqui, num ambiente agradável e se vestem melhor para frequentar esse ambiente. ⁴⁴

É a partir desta diferenciação, natural e/ou consciente, que trabalho com a ideia de um *grupo social* formado com base em hábitos, características e comportamentos próprios e compartilhados entre esses indivíduos que frequentam o espaço da biblioteca. Tais categorias, que podem configurar uma *identidade social*, quer compartilhada ou não, se traduzem em *maneiras de habitar* este espaço praticado denominado por Biblioteca Parque Estadual.

4.5 A Rua dentro da Biblioteca

Final de abril de 2015. A aproximação inicial se deu por meio do Fábio, quem me apresentou meu primeiro entrevistado, S.J.C, quem me fez perceber, de imediato, que a tarefa pudesse ser bem mais simples do que eu previra. Ele, assim como a maioria dos entrevistados e entrevistadas, demonstrou ser bastante aberto e receptivo. Nos sentamos em

⁴² Censo da População em situação de rua/ SMDS. Rio de Janeiro, 2013.

⁴³ Entrevista realizada em 15 de junho de 2016.

⁴⁴ Entrevista concedida em 06 de junho de 2016.

uma das mesas coloridas, em frente ao espaço do ócio. S.J.C tem traços indígenas e diz que sua família é da argentina. Fala bem baixinho, olhando sempre em direção ao chão, e costuma vestir camisetas do Vasco. Ele costuma vir sozinho à biblioteca, como a maioria. Assim como a maioria, também conheceu a biblioteca através de amigos e conhecidos. Logo de cara se abriu, contando-me toda a sua vida. À sua frente, um caderno que costuma carregar, também com a capa do Vasco, seu time do coração. Abre nas primeiras páginas e me mostra suas poesias, a maioria dedicadas à mãe, já falecida. Uma delas terminava assim:

Num forte laço sem medo que não se desfaz como um céu de estrelas
vagando livre como mar além da vida.

S.J.C sempre gostou de escrever. Guardadas entre as folhas do caderno, estão outras poesias e cartas endereçadas à mãe, todas à mão, pois não sabe usar o computador. Ele me conta que tem depressão, “assim como muitas pessoas na rua”, e por isso gosta muito de ficar sozinho, no seu canto, escrevendo. “As pessoas são muito separadas”, diz. Conta que já dormiu até em cemitério, onde passava os dias e noites escrevendo. Hoje trabalha como auxiliar de serviços gerais para um irmão e, já no meio da entrevista, após ter dito inicialmente “morar no flamengo”, confessa: “já cheguei a morar na rua...eu vou e volto né.” Ao questioná-lo sobre a rua, me conta: “na rua, você aprende muita coisa, tem coisa que você só aprende vivendo, na experiência, o curso não te ensina.” Pergunto a ele o que entende por cidadania e me responde “é ser honesto.” S.J.C é kardecista, diz que “gosta de ler horóscopo” e livros relacionados à política, poesia e autoajuda, mas, assim como a maioria, costuma vir à biblioteca para assistir filmes. Prefere os dramas, “filmes que falem sobre a vida”. O filme que mais lhe marcou na biblioteca foi “Inferno na Ilha”, filme norueguês sobre a vida de jovens delinquentes abusados por guardas em um reformatório e sua busca pela liberdade. Diz que acessa a internet, “só com a ajuda de outras pessoas”, para procurar emprego. Gosta muito de esportes e sonha em um dia ainda trabalhar com isso. Ao ser perguntado sobre a sua frequência na biblioteca, responde: “Não é sempre não, uma vez ou outra, quando está aberto, eu venho. Às vezes tô fazendo outra coisa e não posso vir.”⁴⁵

No final da entrevista me pergunta quando volto, pois quer me mostrar suas outras poesias e escritos e, esperando que eu o procure então, me diz: “eu tô aqui todo dia.” De fato, quase todas as vezes em que fui, lá estava ele. Assim, muitas foram as oportunidades de conversa. S.J.C, assim como muitos, procura na biblioteca um suporte. Algo que lhes dê um rumo, que oriente o duro dia-a-dia de quem está na rua: “tem dia que eu tô mais triste e venho, fico até a hora de fechar, tem dia que eu venho pra escrever”, me conta. Desejoso de

⁴⁵ Essa entrevista foi realizada em 28 de abril de 2015, data de início das entrevistas com os usuários em situação de rua.

alguém para conversar e, principalmente, alguém que o ouvisse, S.J.C encontrou em mim, desse dia em diante, esse elo.

Da mesma forma, a relação entre pesquisadora/ entrevistado(a) se estendeu com outras três pessoas, que viriam a se tornar igualmente muito importantes na minha própria relação com a Biblioteca: Carlos, J.P.A e Maria.

Fui apresentada à Carlos pelo Rony, no próprio setor multimídia, enquanto conversávamos. Rony me indicou que ele poderia ser de grande ajuda. Ele veio caminhando em minha direção, lento, cabisbaixo e sorriu. Sentados nos confortáveis sofás de palha, em um canto reservado perto dali ele se abriu completamente, entre prantos e gargalhadas, enquanto falava sobre sua vida. Fiquei de imediato admirada com sua capacidade de entrega, confiança e humildade. Me identifiquei com ele logo de cara e com a sua dor: "estou fazendo tratamento antidepressivo, aí o amigo sempre indica filmes pra isso", me disse, mencionando o Rony. Logo, já apontou o lugar da biblioteca na sua vida:

A biblioteca tem sido meu refúgio. Para não ficar o dia-a-dia na rua, aí eu venho pra cá duas a três horas todos os dias.⁴⁶

Carlos tem 36 anos, é magro, branco e alto. É carioca mas viveu durante dez anos em Roma. Diz que atualmente vive em um hotel popular no centro: "venho passando um processo por abrigos e centros de recolhimento". É um dos muitos que possui o ensino fundamental incompleto e deseja voltar a estudar. É a primeira biblioteca que frequenta na sua vida, apesar de conhecer centros culturais como o CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil). Costuma vir sozinho, na maior parte das vezes para ver filmes – prefere os filmes de ação -, mas de vez em quando lê algum livro, revista ou quadrinho e, quando ainda haviam, os jornais e periódicos do setor de atualidades, apesar de, posteriormente afirmar: "nunca fui muito fã de ler". A internet, diz, não sabe utilizar e nem tem interesse. Uma das coisas que mais gosta de fazer, fora frequentar a biblioteca, é ir à praia. Carlos divide seus sofrimentos, contando da perda de familiares, abandono e preconceito sofrido durante a vida. Foi tentar a sorte em Roma, onde acabou trabalhando na indústria do sexo. Hoje, de volta ao rio, comenta do papel fundamental da biblioteca na sua luta contra a depressão:

Eu não tava sabendo mais o que eu ia fazer, então me encontrei sem rumo, sem direção. Eu desisti da vida, entendeu? Hoje pra mim, a biblioteca...posso sentar na cadeira, relaxar, conheci pessoas diferentes. A biblioteca me deu um foco, não me sinto mais perdido. Hoje minha fisionomia mudou muito, antes eu era super abatido.

⁴⁶ Entrevista realizada em 30 de abril de 2015.

Sua visão é bastante positiva quanto à inclusão social que acredita ser promovida por ela:

Não implicam de você entrar de chinelo, com bermuda, é um lugar pra todos os tipos de pessoas. Se a biblioteca fosse criada em 1990 essas pessoas não entrariam aqui dentro, ia entrar só uma classe social e pessoas bem arrumadas.

Sua relação com os demais frequentadores e com os funcionários é igualmente positiva: “são todos pessoas boas, principalmente eu que sou especial eles focam nisso. Dão atenção, prioridade”. Carlos termina sua entrevista falando da função social deste projeto cultural e da importância de seu papel enquanto agente transformador:

"Essa é a importância, vai lá em Ipanema, em qualquer lugar essas pessoas que vivem na rua não vão nem entrar. Então essa pessoa que fez esse projeto acredito que viu pelo social, o lado humano. Se é do governo então entra, se sinta à vontade, é a sua casa. tudo isso que tá aqui é dos nossos antepassados, seu pai, sua mãe, todos que pagaram impostos. Esse é um projeto importante pro centro. Antes via muitas pessoas na praça sem nenhuma expectativa de vida. E hoje essas pessoas que ficavam lá vem pra dentro."

Uma semana depois conheci J.P.A, um homem magro, de cabelos e pele brancos e um dos mais articulados e participativos frequentadores da biblioteca. Ele conversa comigo no setor destinado aos *leitores especiais*, setor com um acervo especial e aparelhos de leitura para portadores das mais diversas necessidades especiais. J.P.A é mecânico e em seu dia-a-dia na rua costuma estar trabalhando: "só a mecânica mesmo, agarrado o tempo todo", diz. Ele chegou a terminar o ensino médio e tem 55 anos, dos quais os últimos 5 foram passados na rua. Como a maioria dos frequentadores, dorme nas ruas da região, fator que torna a biblioteca um local bastante acessível. Oriundo de família rica, é pai de 4 filhas, carioca e frequenta a biblioteca todos os dias, desde fevereiro de 2015, onde utiliza principalmente o setor multimídia. “Ninguém mora na rua”, me advertiu, logo de início. Assim, sempre direto e contundente, fala um pouco da sua trajetória de vida, desde a família até os motivos que o levaram a passar seus dias na rua:

Olha, agora tô na rua, bota aí, rua. (Pensa um pouco) ... não, melhor, andarilho. Minha filha, a mais velha, vai ficar revoltada. Tá fazendo doutorado em comunicação, com 23 anos, já é formada, fala 5 idiomas. Tá revoltada que eu fico de rua. Eu vivi cinquenta anos santo, agora eu quero viver cinquenta anos diabinho para ver como é que funciona. Tem que aproveitar. Agora eu tenho tempo para vir para a biblioteca. Antes eu não tinha, agora tenho...Tem

três meses que eu tô na rua. Quer dizer, eu não fico direto na rua. Eu fico em hotel, rua, hotel, rua. Vagando. Mais por causa mesmo dos moleques que eu conheço, amigos meus.⁴⁷

Pergunto a ele como é a vida nas ruas:

O pessoal na rua sofre muito, são muitos discriminados. Apesar que existe toda uma comunidade, são muito unidos. Mas tem muita bandidagem também. Tem uns que tã na rua por necessidade, outros por vagabundagem. Muita droga e roubo. Inclusive muita menina nova, grávida, cheirando cola o tempo todo. Isso tá errado, mas não vai mudar, tudo vai só piorando.

Ele não gosta de bebida, mas de vez em quando “dá um teco, mas mais de farra mesmo”. Na biblioteca, diz que gosta de ver filmes de ação e cinema brasileiro, além de folhear vários livros, principalmente os que têm imagens e reportagens sobre o Rio Antigo. Ao ser perguntado se gosta de ler livros, diz: “tô fora, nunca tive o hábito de ler livro”. No entanto, gosta de ler revista (“eu sou mecânico, gosto de ler a *quatro rodas*”) e jornal, embora só leia o primeiro na biblioteca: “quando eu chego aqui, já não tem jornal”. Também adora conversar e acessar a internet, onde pesquisa sobre diversos assuntos:

Sou viciado em internet. Acesso no telefone, direto, todos os sites de reportagem: G1, R7. Agora estou sem porque estou na rua. Aqui eu ainda não fui para a internet porque eu fico muito preso nos filmes. Quando eu tinha casa, assistia muita TV, adoro o Canal Brasil, a Fox, Globonews, coisa de reportagem.

Adora teatro e exposição de pintura, coisas que costumava fazer há muitos anos. Adorava também contar estórias para suas filhas na hora de dormir. Assim, uma das coisas que mais gosta de ver na biblioteca é “como as meninas (as educadoras) contam estórias para as crianças”. A sua relação com os demais funcionários é boa. Segundo ele, é um “pessoal tudo maneiro”. Apesar de já ter frequentado uma biblioteca pública, há 42 anos, na época dos estudos, para ele é a primeira vez que frequenta um equipamento cultural público onde se sente tão à vontade. Sempre é possível vê-lo conversando com alguém, fazendo alguma amizade ou como diz ele, quando perguntado sobre o que o motiva a frequentar a biblioteca:

Zoação, bagunça certa, brincar com o pessoal. Conheci a biblioteca através dos colegas. Vem a turma toda, tudo colega. Depois do meio-dia tá todo mundo aqui. A gente já marca encontro aqui mesmo. Fiz vários amigos aqui já...o Diego mesmo, aquele safado ali - aponta para o funcionário vestido de

⁴⁷ Entrevista realizada em 05 de maio de 2015.

camiseta laranja, responsável pelo atendimento no setor multimídia – são pessoas receptivas, comunicativas.

No entanto, J.P.A também aponta as falhas e deficiências desse projeto, que segundo ele, já enfrenta diversos desafios:

Olha, tinha que aumentar mais o horário, voltar a ser o que era, pelo menos de 10h às 20h. Tá errado não abrir os domingos, que é o dia para os pais trazerem os filhos, deveria abrir de oito da manhã até dez da noite, isso sim, como funciona o Banco do Brasil (mencionando o CCBB, apesar de nunca ter ido lá). Outra falha é a carteirinha: você perdeu a primeira, não pode tirar a segunda. Nem que fosse paga, mas você deveria ter a chance de tirar a segunda via.

Em seguida, termina:

Posso falar a verdade? Eu acho que isso daqui não dura mais um ano, na minha opinião. Infelizmente, se não mudar muito, é um futuro fracassado, a não ser que alguma instituição abrace. Caso contrário, não dura mais um ano.

Em meados de junho, Fábio me apresenta à Maria quem, segundo ele, “pode me ajudar muito na minha pesquisa”. Mineira de 33 anos, mora nas ruas do Rio há nove meses, quando também passou a frequentar a biblioteca. Nesse dia, ela estava com um senhor, negro, bem mais velho, e se prontificou a responder minhas perguntas com bastante receptividade. Nos sentamos em uma das mesas coloridas ao fundo do andar térreo, em frente à cabine do estúdio de gravação de som, disponibilizada ocasionalmente pela biblioteca para os usuários. Eu, ela e Antônio, quem interrompia a toda hora a entrevista, possivelmente bêbado, mas visivelmente perdido nesse ambiente tão exótico (“eu não conheço nada aqui, não sei nem como sair daqui” repetia ele, entre uma interrupção e um pedido qualquer para Maria), apesar de já ter ido algumas vezes à biblioteca, sempre levado por ela:

Todas às vezes que a gente tá junto e misturado eu trago ele pra cá. Eu venho sozinha e trago muita gente entendeu? Às vezes eu venho e.. como agora, eu trouxe esse casal que tá ai, dentro da biblioteca, eu peguei e trouxe eles. Aquela menina ali, ela não sabia daqui eu peguei e trouxe ela entendeu? ⁴⁸

Ele conta um pouco sua história:

Menina, eu não tenho pai, não tenho mãe. Já morreram, tem 5... já foram embora. Eu nem vi serem enterrado. Eu tô morando na rua, estou sofrendo,

⁴⁸ Entrevista realizada em 20 de junho de 2015.

estou sim, não preciso mentir...Eu sei escrever com as duas mãos, como um dialéto, sou esquerdo, mas sei escrever com a minha direita. As coisas tá acontecendo, não sou nenhum vagabundo...Uso droga? Uso...

Maria interrompe:

Não perto de mim, que se fazer isso eu dou uns tabefes no meio da cabeça dele. Sabe, você pega alguém igual ele, desse tipo, e traz dentro de uma biblioteca, ele vai até esquecer um pouco disso lá fora. Porque aqui ele, ele gosta de ver televisão, quando ele não fica comigo na internet pra ver as fotos da minha cidade. Mas eu e ele a gente vem pra cá direto, a gente assim, não vem todos os dias, mas a gente vem. Eu prefiro trazer ele aqui pra dentro do que ficar lá fora.

Ele continua:

Sei escrever, sei tudo (após ser questionado por Maria) - nem tudo. Estudei até a última série do ensino médio. Meu pai era federal, ele era um traficante da providência, como fui. Não tenho vergonha de falar não, era atirador de elite. Menina, quando eu deito pra descansar, as coisas vêm tudo na minha cabeça, não consigo não, então eu vou andando pela rua, sozinho. Os outros veem assim, ih quem me vê, 'ih alá o Toninho'. Meu pai me ensinou a beber com 15 anos, nunca mais parei. Durmo dentro do Campo de Santana, sozinho. Eu venho aqui, eu acho bom, eu me sinto melhor um pouco. A rua ela ensina as pessoas a viver mas tem uma coisa, dói. E tem outra coisa, você não tem um café da manhã, não tem um prato de comida, tem que roubar os outros, os outros faz, eu não. Eu venho aqui para ver um filme, sentar um pouco, e ficar mentalizando a minha vida, que ela dói demais. As coisas que aconteceu, a minha mãe. Eu gosto de filme de drácula. Eu sei ler, leio as coisas, sei escrever, eu escrevi o relato de mamãe (sua mãe, que morreu). Eu leio um ponto, gostava de ver televisão. Novela, filme, só. Vi tanta novela, tanto filme. Prefiro filme estrangeiro, porque simplesmente eu sou preto, eu ver só filme de preto e filme da melhor qualidade, o filme de lá é melhor do que aqui.

Maria aponta para Toninho a funcionária que o chama "Tá te chamando, tá na hora de você fazer seu documento, ali. " Em seguida, comenta a importância da biblioteca para eles:

Quando eu vejo que ele tá muito chateado, eu pego e falo "vamos andar". Então aqui é um ótimo lugar pra ele esquecer o que ele já sofreu, porque aqui ele vai ler um livro, vai ver um filme, porque ele gosta de ver filme. Já eu sou fanática por 'querência' essas coisas, internet. Só que a gente tá triste porque

a biblioteca não tá abrindo dia de domingo também, e tá abrindo mais tarde e fechando mais cedo. Porque pra nós aqui a biblioteca, é um ponto essencial pra gente. Tem muita gente que não tem lugar pra ir.

Quando a questioneei sobre a possibilidade de fechamento da biblioteca, ela respondeu:

A gente tá fazendo reunião. Se fechar a biblioteca a gente vai fazer manifestação sim pra poder reabrir ela. Já batemos ponto sobre isso. As pessoas que frequentam. E fora campanha que estamos fazendo nas redes sociais, eu e um outro rapaz que trabalha aí. Todo mundo apoia a gente, porque aqui é o único meio de diversão, tem outras internets, mas as outras internets não têm esse conforto aqui, e ela já está mudando. E a gente viaja, a gente entra na internet, vê filme, jogamos, tem muita gente que estuda, tem muito morador de rua que estuda através da biblioteca. Porquê que uma maravilha dessa vai fechar? Eu só acho que podia ter uma parte bem reservada só pra galera que estuda mesmo, que é fiel, sem nenhum barulhinho. Porque tem certas pessoas que gosta de brincar, conversar, mandar mensagem. Às vezes, quando a gente vai ver um filme, eu gosto de ver piada, e quando é piadinha a gente dá risada, aí o pessoal manda calar a boca, fala *sch*.

Maria é personagem emblemática da biblioteca. É conhecida por todos, por suas histórias, sua inteligência e espontaneidade, suas implicâncias e confusões: “eu vou te falar que aqui eu já briguei, já me extrapolei aqui já, mas eu reconheço que sem ela aqui a gente não tem como, entendeu? ”. Rio quando Fábio me conta que, durante uma época, ela costumava vir à biblioteca vestida com uma blusa laranja (a mesma cor da blusa utilizada pelos profissionais do atendimento) e agia como uma funcionária do local, auxiliando os usuários, tirando dúvidas e, principalmente, orientando a quem frequentasse o setor destinado a deficientes visuais. Maria tem um problema de vista em um dos olhos e havia, de fato, comentado comigo essa questão da acessibilidade, indicando a falta de estrutura e atenção destinada a ela:

O braille podia voltar, porque tem muita gente que é cego mesmo que usa, tem gente deficiente que usa. Porque esse computador daqui (apontando para o único computador do setor), quem é deficiente não consegue usar, eu não tenho problema na vista consigo enxergar, mas tem gente que não, tem gente que tem que ter aquela telona grande. Tem o computador ali, tem, tem o leitor de visão, tem, mas podia melhorar nisso.

A realidade da rua bateu em minha consciência algumas semanas após iniciada a pesquisa de campo. Em um dia de entrevistas, no começo de junho, após o fechamento da biblioteca, S.J.C e seu amigo Tantan decidiram me acompanhar em meu trajeto da saída da biblioteca até a estação das barcas, com destino à Niterói (cidade vizinha), minha residência na época. Caminhando pelo SAARA, Tantan recolhia os pedaços de caixas de papelão que ia encontrando pelo caminho - estes seriam a sua cama naquela noite. Reparo que ele olha para o amigo e diz, baixinho: “tomara que hoje não esfrie muito”. Não consegui parar de pensar no episódio, já cruzando a Baía de Guanabara. Aos poucos compreendi que não era possível desassociar essa realidade do meu objeto de estudo.

Com essa questão em mente, um mês depois de conhecer Maria, perguntando por ela aos funcionários, com a esperança de retomar a entrevista que tínhamos feito e aprofundar em novas questões para a pesquisa, vim saber que ela estava há um bom tempo sem entrar no espaço, ainda que tivesse sido vista dormindo novamente logo ali ao lado, debaixo de uma das marquises da biblioteca.

Na época ela tinha comentando como era para ela, enquanto mulher, dormir na rua:

É complicado demais, tem muita diferença. Eu durmo na rua não é porque eu quero, porque é necessidade mesmo. Você acredita que eu já dormi aqui? Aqui na entradinha, tinha uma rua. Eu dormi aqui na frente, aí de manhã a biblioteca abriu, normal.⁴⁹

Soube também que ela estava trabalhando como revendedora de chips de celular da operadora Tim, ali na Rua Uruguaiana, principal rua que dá acesso ao SAARA. Resolvi passar pelo local após sair da biblioteca e a encontrei em frente à Igreja da Imperial Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. Antiga e tradicional igreja católica, foi fundada em 1640 como uma irmandade que abrigava aos negros e pardos do Rio de Janeiro - na época, no antigo Morro do Castelo (que foi demolido), de onde tiveram que migrar, por volta de 1700 para a sua atual localização, no coração da Rua Uruguaiana. No seu segundo andar funcionava o Museu do Negro, que expunha objetos ligados à presença dos escravos africanos na cidade. Em um incêndio ocorrido em 1967 ele foi totalmente destruído e no dia 13 de maio de 2013, após reforma, reaberto ao público.⁵⁰ Hoje, seu cenário é marcado pela presença da população em situação de rua – a maioria negros, negras e pardos - em frente à igreja, nas escadas e calçada. Esmolam, comem, dormem, fumam,

⁴⁹ Entrevista realizada com Maria em 15 de junho de 2015, na Biblioteca Parque Estadual.

⁵⁰ *O Dia*. Disponível em <<http://odia.ig.com.br/portal/rio/museu-do-negro-vai-ser-reaberto-em-igreja-na-saara-1.576512>>. Acesso em 06 de outubro de 2015.

trabalham, conversam, fazendo parte de uma simbólica cena do cotidiano carioca. Ali, naquela calçada, sentadas, Maria me conta um pouco da sua realidade:

Na rua a gente não tem amigos. Você acha “aquele dali é meu amigo” e quando você vê ele te apunhala pelas costas. [...] É pior do que selva...aqui ninguém é amigo de ninguém. O problema é ter um ombro amigo. Só de você escutar, poder desabafar com alguém, pô, já muda muito a situação. [...] É isso que o morador de rua precisa. A gente não precisa só de comida, a gente não precisa só de roupa...é claro que a gente precisa disso também, mas ainda mais é de uma pessoa que escute a gente, que chegue e acalente a gente. Ou um abraço sequer... quem tem dinheiro, tem que dar valor, porque quem tá na rua passa fome mesmo. Um dia você pode passar por isso. É você ter frio à noite e não ter uma coberta. É você ter fome à noite e rezar para passar uma quentinha. Tem gente que cata latinha o dia inteiro, papelão o dia inteiro. Sabe quanto é o quilo de papelão? É 10 centavos. A latinha é a mesma coisa. Um quilo de latinha vai dar quanto, 5 reais? Se você passar uma noite na rua você vai ver. Como que é, a madrugada deles. O pessoal do abrigo que chega dando choque em você, batendo em você, te levando à força, te levando pra um lugar que não tem condições nenhuma de você ficar. O abrigo não tem condições de ficar. Não tem uma coberta pra ficar. E o que você leva, eles te tomam. O abrigo não te dá comida. Tem morador de rua que chega aqui de outro estado e não tem condições de voltar pra casa, que não tem roupa pra vestir, que não tem documentação. Aí eles pegam e tacam tudo no abrigo.⁵¹

Um desses abrigos da prefeitura é o “Rio Acolhedor” ou, como é mais conhecido, “Antares” localizado no bairro de Paciência, na Zona Oeste do Rio, em território dominado de um lado, por traficantes, do outro por milicianos. O local, que já acumula diversas ações judiciais além de inúmeras denúncias por parte da sociedade civil e de outros órgãos devido à falta de higiene, transmissão de doenças, descaso e superlotação, é classificado pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro como um “depósito de seres humanos”⁵² :

É horrível. A ilha é pior ainda, não tem nem condições de você dormir que você dorme num chão frio e sujo. Te dá choque, te espancam. Isso é cuidar da população? As pessoas que estão em situação de rua são seres humanos,

⁵¹ Em respeito à fala e personalidade das entrevistadas e dos entrevistados, optou-se pela não correção de pequenos erros ou discordâncias gramaticais, além da fidelidade ao discurso coloquial. Algumas palavras ou frase foram modificadas apenas quando afetam a compreensão dos leitores.

⁵²Fonte:<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140628_mendigos2_rio_wc2014_jp.shtml?ocid=socialflow_facebook>. Acesso em 06 de outubro de 2015.

não são nenhum cachorro que você usa como você quer. Quando vai na época de eleição é outra história.

Alguns meses depois, ao encontrar com Maria na biblioteca, soube que ela havia voltado a dormir ali. Talvez pela segurança que um equipamento cultural público como aquele, monitorado por câmeras, pudesse oferecer a ela e outros que costumam amanhecer no local.⁵³

4.6 A Rua

“Caminhante inumerável [...] É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. [...] Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público [...] Trata-se de uma multidão móvel e contínua, densamente aglomerada como pano inconsútil, uma multidão de heróis quantificados que perdem nomes e rostos tornando-se a linguagem móvel de cálculos e racionalidades que não pertencem a ninguém. Rios cifrados da rua.” (CERTEAU, 2014, p. 55-56)

Certamente a rua que descreve Certeau não é a mesma de que falo aqui. Mas certamente há, entre os dois relatos, inúmeras conjugações e entrelaçamentos. Cruzamentos que desembocam no olhar para a vida cotidiana e anônima. Aqui, como em *A invenção do cotidiano*, nos interessa os murmúrios que não são ouvidos nas esquinas. Os rostos que não existem e as histórias que se esquecem junto às calçadas. Os caminhantes sem rumo, anônimos da cidade. As “astúcias táticas das práticas ordinárias.” (Idem, p.13)

4.6.1 Abordagem Metodológica

De forma alguma penso poder captar o que é a realidade da rua: ela é intraduzível. Não é possível transportá-la no papel e, ainda que o fosse, há, entre qualquer indivíduo de “dentro” dessa realidade e qualquer outro “de fora” inúmeros fatores – vivência, visão de mundo, condição social – que os separam. No entanto, não é possível dissociar indivíduos de seu meio e condição na sociedade. Ficou evidente, dessa forma, no decorrer da pesquisa, que a tentativa de entender também o que é a rua, não só é necessária como fundamental para tentar compreender os universos pessoais que estão ali em jogo. Edgar Morin fala de

⁵³ Ver Figuras 33 e 34, em anexo.

uma “visão holística” da realidade, onde precisamos compreender as partes para compreender o todo, assim como também compreender o todo para compreender cada parte. Produzimos a sociedade e somos produzidos por ela.⁵⁴ Assim, diante deste cenário e da proposta desta pesquisa – um estudo de caso de um grupo específico (usuários da biblioteca em situação de rua) em um local específico (Biblioteca Parque Estadual) – entendo esse subcapítulo como um exercício de contextualização do nosso tema.

4.6.2 As dinâmicas da rua

Nos processos sociais de exclusão, como é o caso do grupo aqui tratado, a concepção de indivíduo vai perdendo a potencialidade, de modo que o sujeito é quase inexistente, nulo, totalmente atrelado e determinado por sua condição social. O *morador de rua* é, para a extensa maioria da sociedade, um grupo homogêneo, com características e comportamentos semelhantes. Essa tendência, tão presente na sociedade, não poderia estar de fora do próprio contexto da biblioteca – lá dentro também ocorre uma generalização por parte dos funcionários a respeito desse grupo. Muitos tendem a enquadrá-los em uma massa uniforme. Assim, tendemos a homogeneizar todo um conjunto de indivíduos em função de uma única situação em comum: o fato de dormir na rua. Esta semelhança é que liga indivíduos com realidades e histórias de vida tão diversas como, naturalmente, a maioria dos habitantes de uma cidade grande como o Rio de Janeiro. À essa situação em comum e às semelhanças atreladas a ela, Fábio denomina de *dinâmicas* da rua:

Tem uma ideia de que os moradores de rua são todos iguais. Mas não é todo mundo igual. Essas pessoas têm uma coisa em comum apenas: o fato de morarem na rua. Por isso que a gente chama de “situação de rua”, isso é o que eles vivem em comum. Faz toda a diferença: ele está vivendo uma situação. Ninguém mora na rua. É uma situação. E as pessoas não são iguais porque vivem a mesma situação. Além desse fator em comum, há outras coisas que eu chamaria de “dinâmica”, que eles compartilham. Por exemplo, a dinâmica da violência, a dinâmica da bebida. Isso é o que eles têm em comum.⁵⁵

A importância de compreender a estrutura e as relações sociais é essencial para a pesquisa, tanto em ciências sociais como nos estudos culturais. No entanto, não podemos esquecer que toda estrutura é feita de pessoas, e é apenas através do olhar e do contato

⁵⁴Fonte: MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. [Artigo online]. Disponível em: <<http://www.moodle.ufba.br/file.php/8897/pensamentocomplexo.pdf>> Acesso em 20 de outubro de 2015.

⁵⁵ Entrevista realizada com Fábio Moraes em 25 de março de 2015, na Biblioteca Parque Estadual.

com as realidades individuais que podemos conhecer o todo. Conhecendo as pessoas, individualizando a relação com elas, entendendo que nem todo mundo é igual, que cada ser humano é único, com demandas e necessidades próprias, e um universo particular infinito e de extrema riqueza.

4.6.3 O Estigma da Rua

Naturalmente, há várias dinâmicas compartilhadas por eles, que os caracterizam enquanto grupo social. As “dinâmicas da rua” incluem a condição de pobreza absoluta, vínculos familiares e profissionais interrompidos ou fragilizados, em muitos casos uso de drogas e distúrbios de ordem psicológico/mental, histórico de violações/violência e baixa escolaridade. Todos esses fatores contribuem para a criação de um *estigma* a respeito do indivíduo em situação de rua. Segundo Erving Goffman, sociólogo norte-americano, o conceito de *estigma* se refere a uma situação de qualquer indivíduo não-habilitado para a aceitação social plena⁵⁶, como é o caso do grupo aqui tratado. A questão da *identidade* é muito forte, uma vez que tendemos, enquanto estigmatizamos um grupo social, a invisibilizá-lo, agindo, conforme explica Goffman, como se tais indivíduos fizessem parte de um grupo de *não-pessoas*, isto é, de seres indignos de qualquer atenção ou, no máximo, de uma atenção ritual. Nos termos do autor:

“A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social”. [...] Baseando-nos nessas preconcepções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso.” (GOFFMAN, 1988, p.11-12)

O *estigma* geralmente associado à população em situação de rua é um fator que contribui em muito para a formação de sua *identidade social*, assim como para a auto percepção dos indivíduos, que muitas vezes passam a se enxergar através desse “prisma” depreciativo. O indivíduo sente que não é aceito socialmente e pode optar desde a utilização de uma máscara social - assumindo outra (s) identidade (s) ou negando sua situação real – até a um reconhecimento próprio enquanto um ser humano inferior. No último caso, o auto

⁵⁶ Ver GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, 1988. Prefácio.

ódio e a auto depreciação são características marcantes desse tipo de indivíduo. As falas de alguns dos entrevistados refletem bem isso:

Eu sou um mendigo sujo [...] A senhora é muito humilde por tá sentada aqui do meu lado, conversando comigo.⁵⁷

Hoje eu tô em situação de rua, você vai me ajudar.... Você vai dizer que nem parece que eu tô na rua, mas é que eu me cuido. ⁵⁸

O pessoal na rua sofre muito, são muitos discriminados. ⁵⁹

Para muitos, existe também o estigma de ser analfabeto formal em um ambiente como a biblioteca. A leitura ocupa um lugar privilegiado na sociedade como prática valorizada na transmissão cultural. Logo, associamos imediatamente alguém analfabeto ou alguém que não pratica a leitura a um indivíduo desprovido de “cultura” – como se cultura significasse, assim, erudição e fosse algo a ser ganhado, conquistado. Para Yunes (1994): “Tanto assim que a instituição pública, responsável pelo patrimônio cultural preservado, está assentada sobre o ler e o escrever”. (YUNES, 1994, p.36) Ler não deveria ser uma “mera decodificação de um sistema de sinais” (idem, p.20) e, sim, como preconiza Paulo Freire, “ler o mundo” – esta última leitura muito mais urgente que a mera leitura de livros. “Ler” o mundo significa pensar o mundo, pensar a si próprio, se reconhecer. Nesse sentido, muitas são as “leituras” possíveis em um ambiente como a Biblioteca Parque. Filmes também são “textos” que podem nos mobilizar e expandir nossos horizontes, ressignificando nosso espaço e tempo – quem, enfim, somos nós.

Para o mediador social da biblioteca, “a maioria das pessoas tem vergonha de dizer que está na rua”. Quando perguntadas sobre sua moradia/ local onde dormem, por exemplo, das trinta pessoas em situação de rua entrevistadas, a metade não mencionou o fato de já haver passado sequer uma noite na rua, afirmando morar/estar em abrigos, hospedarias, pousadas, quartos de hotéis, vagas ou quartos alugados e alguns até afirmaram morar em uma casa, situada em outro bairro. É o caso de L.:

Sofro preconceito por ser senhora, porque aqui é um público muito masculino. É jovem que vem para estudar, vem na internet e vai embora, eu não, já fico.

⁵⁷ Entrevista realizada em 28 de julho de 2015, na Biblioteca Parque Estadual. A todo momento, durante a entrevista, o entrevistado se auto referia como um “mendigo sujo”.

⁵⁸ Entrevista realizada em 28 de julho de 2015. C. 55 anos, hoje desempregado (trabalhava como eletricista), está na rua há 10 anos e frequenta a biblioteca todos os dias. Gosta de usar a internet e assistir filmes: “O livro de Eli...é um filme bíblico, é muito lindo. ”

⁵⁹ Entrevista realizada em 05 de maio de 2015.

Aí pensam assim: você não tem nada para fazer. As pessoas acham que eu sou da rua, mas eu não, eu tenho meus documentos, minhas coisas.⁶⁰

L., como a maioria, tem o ensino fundamental incompleto e é aposentada. Diz que mora na casa da filha e na casa de uma amiga, no centro da cidade. Conheceu a biblioteca através de “amigos” e vem sempre sozinha. Me conta que já frequentou uma biblioteca pública e gosta de vir à BPE para ler livros (romances, livros didáticos e biografias), revistas e quadrinhos, além de assistir filmes (principalmente de ação e terror) e usar a internet. Adora Agatha Christie. A entrevistei enquanto esperava para utilizar um dos computadores com acesso à internet, onde acessa as redes sociais, faz pesquisas pessoais e estuda: segundo ela, “na internet eu me sinto sempre estudando”. Quando perguntada sobre o que a motiva a vir à biblioteca, diz que se sente “mais distraída”. Porém, quando perguntada sobre os serviços, diz:

Tem pessoas maravilhosas, tem outras que não trabalham legal. Sempre é uma máfia, parece que dão mais preferência pra outro, questão de vez, não sei se é medo ou preconceito, no caso das senhoras.

L. foi uma das mais entusiastas com a entrevista e comigo, mas também uma das mais confusas mentalmente. Olhava para todos os lados enquanto falava, sempre achando que algo ou alguém conspirava contra ela. Oscilava entre uma fala mais eufórica e um tom de voz baixíssimo, que nem se ouvia, quando se sentia alarmada. A encontrei diversas outras vezes na biblioteca, sempre fazendo questão de acenar ao me ver, se aproximar e puxar algum assunto. Algumas vezes acompanhada por pessoas que já havia entrevistado e que já tinham me dito estar em situação de rua.

É o caso também de E., rapaz jovem, muito simpático e bastante calmo. E. trabalha como camelô no centro da cidade, onde também afirma morar: “moro num quarto, na Rua do Riachuelo.” Começou sua entrevista reclamando da perturbação e falta de educação do *peçoal da rua*:

Às vezes uma pessoa diferente quer ver um filme, mas acabou a senha, aí não consegue. Às vezes tem tudo em casa, mas quer ver filme aqui, mas as pessoas da rua tão enfurnado aqui todo dia, aí não dão oportunidade de ninguém ver. Eu mesmo não consigo. Abre meio-dia, aí eu cheguei aqui meio-dia e dois e já tinha acabado a senha. É as mesmas pessoas que continuam.

⁶⁰ Entrevista realizada em 30 de abril de 2015.

Ficam fazendo bagunça, gritando, não deixam a pessoa estudar. Sinceramente, é abusado mesmo o pessoal da rua. Tem que mudar isso aí.⁶¹

E. já frequentou a Biblioteca Parque de Manguinhos e o Centro Cultural Banco do Brasil. Costuma vir sozinho à BPE, lugar que conheceu também através de outras pessoas:

Conheci através de um coroa que disse que estudar aqui é muito bom. Ele pega livro e devolve aqui certinho, porque a maioria desses caras aí da rua, que sabem ler, pegam livro e aí vendem, e depois pega mais. Eu não gosto de pegar porque tem que ter responsabilidade. Devolver certinho. Onde eu moro não é um lugar muito seguro.

E. gosta de ler livros de história e revistas, mas diz que prefere ler “em casa”, pois na biblioteca “quase não lê, fica mais à toa”, ainda que diga gostar de itens do acervo “que falem da história do Rio de Janeiro.” Costuma vir para assistir filme. Prefere os filmes de ação, terror, desenho e documentário, em sua maioria estrangeiros. Vem também para usar os computadores com acesso à internet, onde procura emprego e lê as notícias e atualidades:

Eu acesso, só que às vezes também é muita gente, às vezes não tem vaga. Pô, tem gente que não vê nada, vê vídeo, vê filme pela internet, tem muitas pessoas que querem fazer uma pesquisa, um trabalho, às vezes não conseguem. Uso a internet em casa, pelo celular, mais em casa do que aqui.

A vergonha pode se manifestar também na procura por uma aceitação visual, como no caso da mudança nos hábitos de se vestir. Trajar vestimentas mais limpas, novas e arrumadas é uma das *táticas* mais utilizadas:

A maioria se veste bem, começa a vir para a biblioteca mais arrumado. A gente não vê mais o *mendigão* por aqui, o cara que vem aqui já começa a se vestir de outro jeito, calça jeans, tênis, ele não fala que é da rua.⁶²

Indicadores de situação de rua na biblioteca:

Fábio costuma citar alguns *indicadores* que identificam uma pessoa em situação de rua na biblioteca, que opto aqui por chamar de *táticas dos usuários*:

- Ir para biblioteca com sacos ou mochila;

⁶¹ Entrevista realizada em 29 de abril de 2015. Na época da entrevista, a biblioteca funcionava de terça a sábado, de 12h às 18h30. Depois mudou para o horário de 11h às 19h, que permaneceu até dezembro de 2015, data de finalização deste trabalho.

⁶² Entrevista realizada em 27 de maio de 2015.

- Dizer que mora em abrigo/ hospedagem/ vaga/ quarto, ou que mora no centro da cidade (Porquê, segundo Fábio, uma pessoa que mora no centro levaria uma mochila grande todo dia para a biblioteca?);
- Desemprego/ falta de estudo;
- Frequentar a biblioteca todos os dias;
- Costumar chegar no horário de abertura para pegar senha e ver filme.

Outras táticas – inúmeras - consistem em fazer uso do espaço da biblioteca de acordo à uma *malandragem*. Segundo Fábio:

A galera chega aqui com todos os seus pertences e a gente fica às vezes com umas 30 bolsas de roupa de uma única pessoa. E a gente nunca entrega isso pra prefeitura. E a carteira de muitos é o papelzinho, a gente aceita aquilo, o cara sabe que ele pode retirar um novo papelzinho da biblioteca. Tem também a história do dormir, de encontrar um cantinho pra dormir aqui na biblioteca, que é algo que não pode né. Tem os horários: todos os dias essa galera chega aqui depois do horário para pegar as bolsas, que não deu tempo de pegar. Os filmes mesmo, eles assistem mais de um filme por dia. A internet, o cara entra a hora que quer...porque pra gente tudo é importante. Para o cara que tá na rua, com os vínculos familiares perdidos ou fragilizados, o *facebook* é muito importante, traz de volta essas referências.⁶³

O reconhecimento enquanto pessoa em situação de rua passa, no entanto, por várias questões. Segundo Fábio:

Mais do que vergonha, a rua tem essa coisa mesmo, de tentar buscar o fio da meada...A pessoa em situação de rua, ela mesma acredita que não está na rua, ela vai acreditando na própria mentira. A maioria não fala que mora na rua, eles dormem um dia em um hotel, e já acham que não estão na rua, ou então pegam uma referência de algum parente, algum lugar que ele morava, e fala que mora lá.⁶⁴

Um fator que merece atenção, segundo me explica Fábio, são os laços familiares e afetivos. O vínculo com a família é um excelente indicador para o próprio indivíduo se reconhecer em situação de rua. Se ele ainda mantém algum tipo de vínculo (ainda que imaginário, ou ainda que só de sua parte) com a família, ele não costuma se reconhecer enquanto alguém em situação de rua. O oposto, no entanto, acontece: ao romper os laços

⁶³ Entrevista realizada em 16 de julho de 2015.

⁶⁴ Entrevista realizada em 06 de junho de 2015.

familiares, o indivíduo tem mais facilidade para se reconhecer e identificar em situação de rua. No entanto, ressalta:

Não há qualquer ser humano que não tenha vínculo familiar. Ele pode estar meio escondidinho, subliminar na vida desse sujeito, mas ele nunca vai deixar de ter vínculo familiar. ⁶⁵

4.7 Entre a Rua e a Biblioteca

Embora devamos reconhecer tais espaços (rua x biblioteca) enquanto produtores de múltiplas significações, interessa-nos mais o que está em jogo *entre* esses dois espaços e seus sujeitos e práticas e o que chamamos por *práticas culturais*. Em outras palavras, de que forma podemos pensar o cotidiano e suas práticas dentro do espaço ritualizado do ambiente cultural (biblioteca)? Há, ali, uma outra relação com o poder público que foge da tríade habitual violência-descaso-assistencialismo. A biblioteca possibilita uma outra forma de acessar o Estado: através da cultura. Não surpreende, portanto, que essa nova relação não seja sempre harmoniosa: há, a toda hora, negociações, conflitos e disputas em jogo.

Ao longo do estudo, muitas foram as mudanças ocorridas. Por um lado, a biblioteca se molda a seus usuários, em um processo onde os diversos usos vão condicionando a própria dinâmica de funcionamento (regras, acordos, negociações, em algo que se poderia chamar aqui de contratos de convivência), por outro, os próprios usuários são transformados por ela. Seja através das tensões e conflitos, onde há muita coisa imposta de cima para baixo, seja através do empoderamento real vivenciado por muitos, a experiência aqui estudada reflete a necessidade de se transformar disponibilidade em acesso real: físico, social, cultural.

⁶⁵ Entrevista realizada em 20 de junho de 2015.

Considerações Finais

Assim como outras relações, a biblioteca permite também que novas dinâmicas – internas e externas - sejam construídas. O grupo estudado deseja ser como qualquer outro usuário dentro da biblioteca, sem estigmas que reforcem, de um lado, o lugar da carência e inaptidão social (como o tratamento usual da área do serviço social), de outro, o lugar do perigo (a eles automaticamente é associada a imagem do medo, da violência, das drogas e da malandragem). Isto é, desejam acessar plenamente o espaço cultural, a partir do direito de fruição e apropriação dos bens e serviços por ele oferecidos. Trata-se, em essência, do direito à cultura.⁶⁶

Como este estudo pretendeu mostrar, nesse modelo de cidade-negócio chamado Rio de Janeiro, a cultura – em especial simbolizada pelos espaços públicos culturais – pode e deve ser um instrumento de um direito que foi desde sempre amplamente negado: o direito à cidade. Pensar as práticas culturais do grupo em questão é pensar, intrinsecamente, no direito de acesso à própria cidade, é pensar em sua configuração territorial e, em essência, nas dinâmicas e modos de vida daqueles dela excluídos.

Por fim, considero este estudo uma pequena reflexão de um tema bastante complexo e muito pouco estudado. É necessário lançar um olhar sobre as práticas culturais de grupos socialmente marginalizados, refletindo assim sobre nossos espaços culturais públicos e nosso real direito à cidade. A instituição biblioteca, enquanto construção histórica, representa um sistema de poder, responsável pela legitimação de um saber construído sob a égide da exclusão social e do elitismo cultural. Ainda que se trate aqui de uma biblioteca diferenciada, modernizada e idealizada a partir de paradigmas de acesso cultural e cidadania, o mero acesso físico ao espaço não pode se configurar em um acesso real e igualitário. É necessário ir além para que o trabalho de Mediação – isto é, a possibilidade de criar mundos e pontes a partir de referências – em uma estrutura social tão excludente e fragmentada, aconteça. Precisamos, antes de mais nada, romper sistematicamente paradigmas onde foram calcadas as nossas noções de saber, cultura e democracia. Estamos só começando, mas não podemos negar que esta experiência aqui relatada pode ser, sim, instrumento de grandes transformações sociais.

⁶⁶ Marilena Chauí (2008, p.11) define o direito à cultura como um “direito do cidadão, direito de acesso aos bens e obras culturais, direito de fazer cultura e de participar das decisões sobre a política cultural.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANDA, Verónica, Álvarez, Juliana, Rivera, Maira, Castillo, Luis Fernando, y Hernández, Luz. **Parques Biblioteca Medellín. Análisis de una Política Pública para la cohesión social.** (Ensayo No. 6). Actividad No. 2. Módulo PEU I «Estrategias Urbanas». Medellín: Parques Biblioteca, 2010. [PDF]

ARRANZ, Juan José. **Las bibliotecas públicas, espacios para la cohesión social.** Proximidad e inclusión en las bibliotecas públicas de Barcelona, 2007. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/IV/ifla73/papers/128-Arranz-en.pdf> > Acesso em 8 de maio de 2015.

BAZILIO, Ana Paula Matos. **Mediação, Leitura e Inclusão social: um caminho para ação cultural na Biblioteca Pública- o caso das Bibliotecas Parques.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

BAZILIO, Ana Paula Matos e NÓBREGA, Nanci Gonçalves. **Mediação, leitura, inclusão social e ação cultural: o caso das bibliotecas parques.** Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação : além das nuvens, expandindo as fronteiras da Ciência da Informação. Belo Horizonte, 2014. Disponível em <<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt3>> Acesso em 26 de julho de 2015.

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa.** 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BONI, Valdete e QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol.2 n.1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <www.emtese.ufsc.br>. Acesso em 10 de junho de 2015.

BRAGA, Loenardo Izoton. **Rio de Janeiro: Cidade-Negócio.** XVI ENANPUR - Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e

Regional. Belo Horizonte, 2015. Disponível em:
<http://xviananpur.com.br/anais/?wpfb_dl=245>. Acesso em 08 de fevereiro de 2016.

BRASIL. **Lei Federal no 9.790**, de 15 de maio de 1998

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CANOSA, Daniel. **Bibliotecas e inclusión social: coexistir en la diversidad**. Educación y Biblioteca: Revista Mensual de Documentación y Recursos Didácticos,. Año 20 no. 166 julio/agosto 2008. p.88-94. Disponível em <http://eprints.rclis.org/16463/1/CANOSA,%20DANIEL_08.pdf>. Acesso em 26 de julho de 2015.

CENSO da População em situação de rua / SMDS, 2013. Disponível em:
<<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4576565/4118206/PesquisaCenso.pdf>> Acesso em 11 de abril de 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. 5.ed. São Paulo:Estação Liberdade, 1996.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**. In: Crítica y Emancipación, (1): 53-76, Buenos Aires, junio 2008.Disponível em:
<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>> Acesso em: 10 de maio de 2015.

CIVALLERO, Edgardo. **El rol de la biblioteca en la inclusión social**. XIII Jornadas de Gestión de la Información- SEDIC. Madrid, novembro 2011. [Artigo online] Disponível em <http://www.sedic.es/Conferencia_Edgardo_Civallero.pdf> Acesso em 26 de julho de 2015

CONTRERAS, Fortunato. **Bibliotecas públicas: espacios de inclusión social**. Bibliodocencia: Revista de Profesores de Bibliotecología, 2004, vol. 1, n. 2, pp. 1-14. [Artigo online] Disponível em <<http://core.ac.uk/download/pdf/11879234.pdf>> Acesso em 26 de julho de 2015.

CUADROS Jonatan R, VALENCIA Jackeline e ARIAS, Alejandro. **Las bibliotecas públicas como escenarios de participación ciudadana e inclusión social.** In: Rastros Rostros. Vol.15 n.29, janeiro-dezembro/2013, p.73-81 [Artigo online] Disponível em <<http://revistas.ucc.edu.co/index.php/ra/article/view/699/685>> Acesso em 26 de julho de 2015.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos.** 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GODOY, Arilda S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades.** Revista de Administração de Empresas. V. 35, n. 2, p. 57-63. São Paulo, Mar./Abr, 1995

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARVEY, David. **O direito à cidade.** Lutas Sociais, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012. [Tradução de Jair Pinheiro. Originalmente publicado na Revista New Left Review, n. 53, Londres, 2008]

JARAMILLO, Orlanda. **La biblioteca pública, un lugar para la formación ciudadana: referentes metodológicos del proceso de investigación.** Revista Interamericana de Bibliotecología, Jul.-Dic. 2010, vol. 33, no. 2, p. 287-313.

MELLO, Marisa S. **Gestão e práticas culturais em bibliotecas do Rio de Janeiro.** Artigo apresentado na XI Reunião de Antropologia da América Latina (RAM), Montevideo, 2015.

MARANHÃO, Julia de Brito Ponce. **Biblioteca Parque da Rocinha: cotidiano, cultura e cidadania em um equipamento cultural carioca.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia.** RJ, Editora da UFRJ, 1997.

MORIN, Edgar. **Da necessidade de um pensamento complexo.** [Artigo online] Disponível em: <<http://www.moodle.ufba.br/file.php/8897/pensamentocomplexo.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2015.

NEVES, Clarissa E. B; CORRÊA, Maíra B. (Org.). **Pesquisa social empírica: métodos e técnicas.** Cadernos de Sociologia, Porto Alegre: Editora da Universidade, v. 9, 1998. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n12/HA-v5n12a18.pdf>> Acesso em 27 de julho de 2015.

PARRA, Ana, Torres, Leticia, Ramírez, Stalin, Solórzano, David, y Quiza, Mauricio. **Los parques bibliotecas, espacio público y conocimiento como instrumentos de cohesión social.** (2011). Proyecto: Parques Biblioteca Medellín - Cohesión y educación. Ensayo Académico. 1-7.

PENA GALLEGU, Luz Estela. **Las bibliotecas públicas de Medellín como motor de cambio social y urbano de la ciudad.** bid. Textos universitaris de biblioteconomia i documentació, 27. Barcelona, 2011.

PROJETO DE LEI DO SENADO NO 28. 2015.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO – IDG. **RELATÓRIO de prestação de contas anual 2014, Bibliotecas Parque.** Disponível em: http://www.idg.org.br/wp-content/uploads/2015/08/Relatorio_Gestao_2014-Bibliotecas.pdf. Acesso 15 de novembro de 2015.

RIBEIRO, Anderson Santos. **A Irmandade de Nossa Senhora Do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos e a Construção do Mito da Escrava Anastácia.** [Artigo online] Disponível em: <<http://irmandadedoshomenspretos.org.br/site/a-irmandade/>>. Acesso em 06 de outubro de 2015.

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado de Cultura. **Plano Estadual de Cultura. Programa de Leitura Superintendência da Leitura e do Conhecimento. Texto de**

propostas 2012. Disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br/projeto/planoestadual-de-cultura>>.

SILVA, Aline Gonçalves da. **A Biblioteca Pública como fator relevante no processo de inclusão social e digital: um estudo de caso da Biblioteca Parque de Manguinhos.** Rio de Janeiro, 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://tededep.ibict.br/bitstream/tde/100/1/silva2012.pdf> >. Acesso em 08 de maio 2015.

SUAIDEN, Emir José. **Biblioteca pública no contexto da sociedade da informação.** Ciência da Informação. Brasília, DF, v. 29, n. 2, maio/ago. 2000. p. 52-60. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a07v29n2.pdf>> Acesso em: 06 de agosto de 2015
WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave.* São Paulo, Boitempo. 2007.

VELHO, Gilberto. **O estudo do comportamento desviante: a contribuição da Antropologia Social.** In: *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974, pp. 11-28.

_____. **Observando o familiar.** In: Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, pp.123- 132.

SITES

<<http://www.cultura.rj.gov.br>> . Acesso em 10 de junho de 2015

<<http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>> . Acesso em 28 de maio de 2015

<<http://infograficos.oglobo.globo.com/brasil/por-tras-das-estantes.html>>. Acesso em 10 de maio de 2015.

<<http://proof.nationalgeographic.com/2015/04/24/public-library-portraits-californias-homeless-connect-in-a-quiet-place/>> . Acesso em 02 de junho de 2015.

<<http://www.pbs.org/newshour/rundown/see-libraries-across-country-serving-homeless/>>. Acesso em 02 de junho de 2015.

<http://innovacionescomfama.com/sites/default/files/documentos/parques_biblioteca_pdf.pdf
> Acesso em 27 de julho de 2015.

<<http://vozerio.org.br/>> . Acesso em 3 de agosto de 2015.

<<http://www.bvl.org.br/>> . Acesso em 20 de julho de 2015.

<<http://bibliotecadesaopaulo.org.br/fotos/>> . Acesso em 20 de julho de 2015.

<<http://bsp.org.br/>>. Acesso em 13 de agosto de 2015.

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_a_l/alceu/>. Acesso em 13 de agosto de 2015

<<http://www.centrocultural.sp.gov.br/>>. Acesso em 12 de agosto de 2015.

<<http://parquebibliotecalaladera.blogspot.com.br/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://pbpresbiterojoseluisarroyave.blogspot.com.br/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://www.reddebibliotecas.org.co/bibliotecas/pb-belen>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://parquebibliotecaespana.blogspot.com.br/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://parquebibliotecalaquintana.blogspot.com.br/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://parquebibliotecaguayabal.blogspot.com.br/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://parquebibliotecasancristobal.blogspot.com.br/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://www.bibliotecapiloto.gov.co/component/content/article/123-sistema-de-bibliotecas-publicas-/parque-biblioteca-corregimiento-san-antonio-prado/615-parque-biblioteca-corregimiento-san-antonio-de-prado>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://www.bibliotecasantiago.cl/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://www.culturamas.es/blog/2011/03/02/biblioteca-de-santiago-mas-que-un-espacio-de-lectura/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<https://www.centrepompidou.fr/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<https://www.denverlibrary.org/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://sfpl.org>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://dallaslibrary2.org/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://dclibrary.org/mlk>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://www.library.pima.gov/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<https://www.sjlibrary.org/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<http://www.freelibrary.org/>>. Acesso em 12 de julho de 2015.

<<https://www.facebook.com/BPPCDeboraArango>>. Acesso em 24 de agosto de 2015.

< https://www.facebook.com/biblioprestesmaia/photos_stream>. Acesso em 24 de agosto de 2015.

< <https://www.facebook.com/CasaMariodeAndrade> >. Acesso em 24 de agosto de 2015.

<<http://odia.ig.com.br/portal/rio/museu-do-negro-vai-ser-reaberto-em-igreja-na-saara-1.576512>>. Acesso em 06 de outubro de 2015.

< <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=1279020>>. Acesso em 24 de agosto de 2015.

<<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/educacao-360/a-educacao-nao-pode-ignorar-curiosidade-das-criancas-diz-edgar-morin-13631748>> Acesso em 20 de outubro de 2015.

ANEXO I

LISTA DE FIGURAS



Figura 1 – Vista de cima da Biblioteca Parque Estadual

Fonte: Site do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

<<http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=1566387>>. Acesso em 10 de novembro de 2015.



Figura 2 – Fachada noturna da Biblioteca Parque Estadual

Fonte: Arco Web. Disponível em: <<http://arcoweb.com.br/projetodesign-assinantes/lighting-design/ld-studio-biblioteca-parque-estadual-rio-de-janeiro>>. Acesso em 10 de novembro de 2015.



Figura 3 – Fachada Lateral da Biblioteca Parque Estadual, com saída para a Avenida Passos.

Fonte: *Literatura e Rio de Janeiro*. Disponível em:
<<http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com/2014/06/biblioteca-parque-estadual.html>>. Acesso em 10 de novembro de 2015.



Figura 4- Parque Campo de Santana

Fonte: *Wikipedia, a enciclopédia livre*. Disponível em:
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Campo_de_Santana_\(Parque_do_Rio_de_Janeiro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Campo_de_Santana_(Parque_do_Rio_de_Janeiro))>. Acesso em 10 de novembro de 2015.



Figura 5 – Comércio do Saara

Fonte: Café História. Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com/photo/saara-ri>> Acesso em 10 de novembro de 2015.

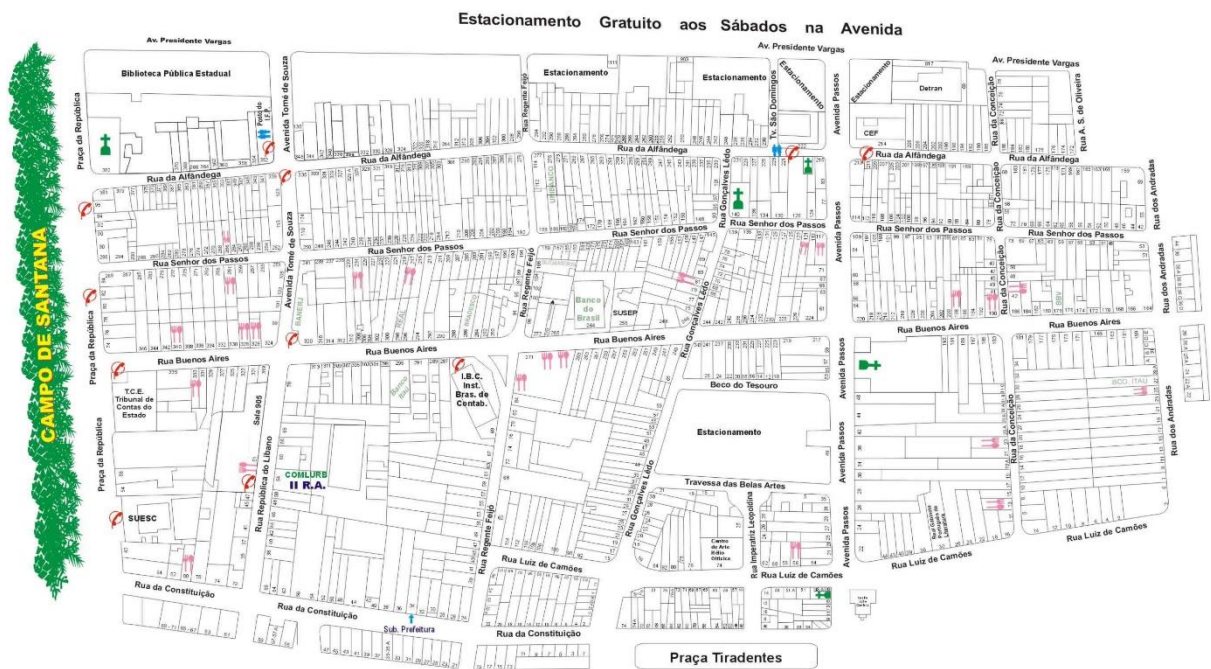


Figura 6 – Mapa da Região do Saara.



Figura 7 – Fachada de trás da Biblioteca Parque Estadual, com saída para o Saara.

Foto: Arquivo Pessoal.



Figura 8 – Fachada de trás da Biblioteca Parque Estadual, com saída para o Saara.

Foto: Arquivo Pessoal.



Figura 9 – Biblioteca Infantil.

Fonte: <http://biblioo.info/a-biblioteca-parque-do-estado-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em 10 de novembro de 2015.

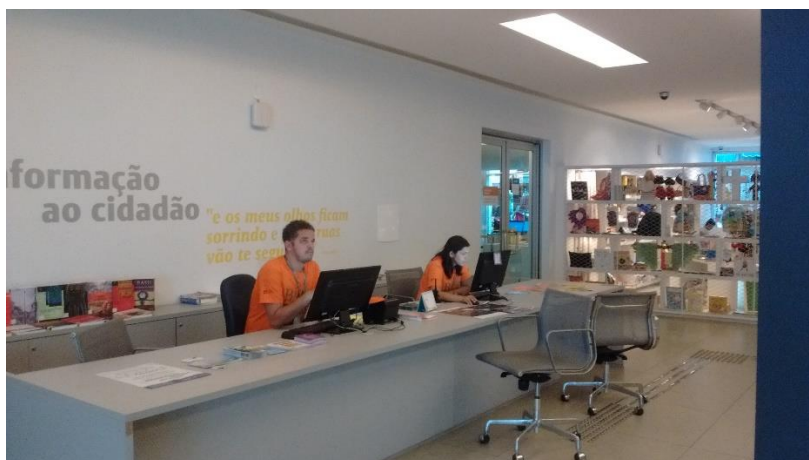


Figura 10 – Balcão Cidadão.

Foto: Arquivo Pessoal.

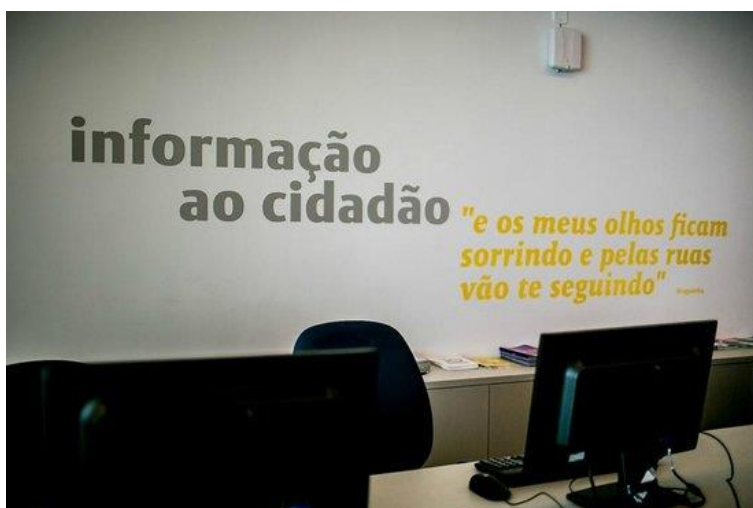


Figura 11 – Balcão Cidadão.

Fonte: Trip Advisor. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.pe/LocationPhotoDirectLink-g303506-d6579658-i106023193-Biblioteca_Parque_Estadual_Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html>. Acesso em 10 de novembro de 2015.



Figura 12 – Pátio da BPE.

Foto: Site BPE. Disponível em: <<http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.



Figura 13 – Bicletário localizado no Pátio.

Foto: Site BPE. Disponível em: <<http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.



Figura 14 – Café.

Foto: Site BPE. Disponível em: <<http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.



Figura 15 – Laboratórios. Subsolo.

Foto: Site BPE. Disponível em: <<http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.

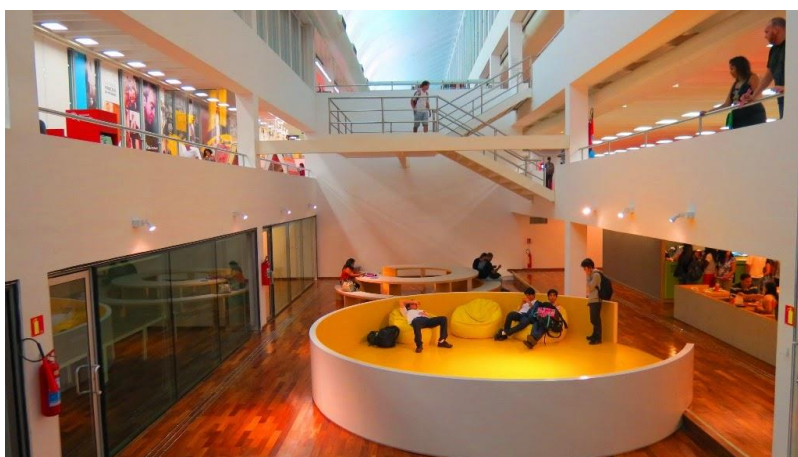


Figura 16 – Subsolo.

Fonte: *Cazadores de bibliotecas*. Disponível em:

<http://www.cazadoresdebibliotecas.com/2014/12/biblioteca-parque-do-estado-do-rio-de.html> Acesso em 15 de novembro de 2015.



Figura 17 -Lugar do ócio, primeiro andar.

Foto: Site BPE. Disponível em: <http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>. Acesso em 13 de outubro de 2015.



Figura 18 – Placa com informações.

Foto: Site BPE. Disponível em: <<http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.

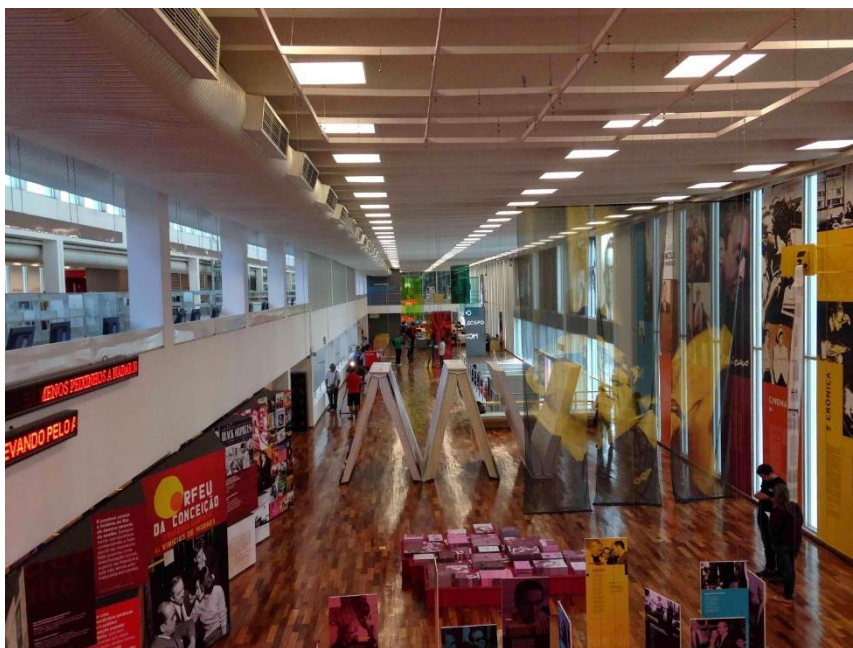


Figura 19 – Primeiro Andar.

Fonte: Caderno Tia Helô. Disponível em:<<http://cadernotiahelo.blogspot.com.br/2014/04/biblioteca-parque-estadual.html>>. Acesso em 12 de outubro de 2015.



Figura 20 – Armários, primeiro andar.

Fonte: Cazadores de bibliotecas. Disponível em:

<<http://www.cazadoresdebibliotecas.com/2014/12/biblioteca-parque-do-estado-do-rio-de.html>>.

Acesso em 12 de outubro de 2015.



Figura 21 – Guanabara. Primeiro andar.

Foto: Arquivo Pessoal.



Figura 22 – Estúdio de gravação, primeiro andar.

Fonte: Trip Advisor. Disponível em: <http://www.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g303506-d6579658-i106023189-Biblioteca_Parque_Estadual-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html#106023136> . Acesso em 04 de novembro de 2015.

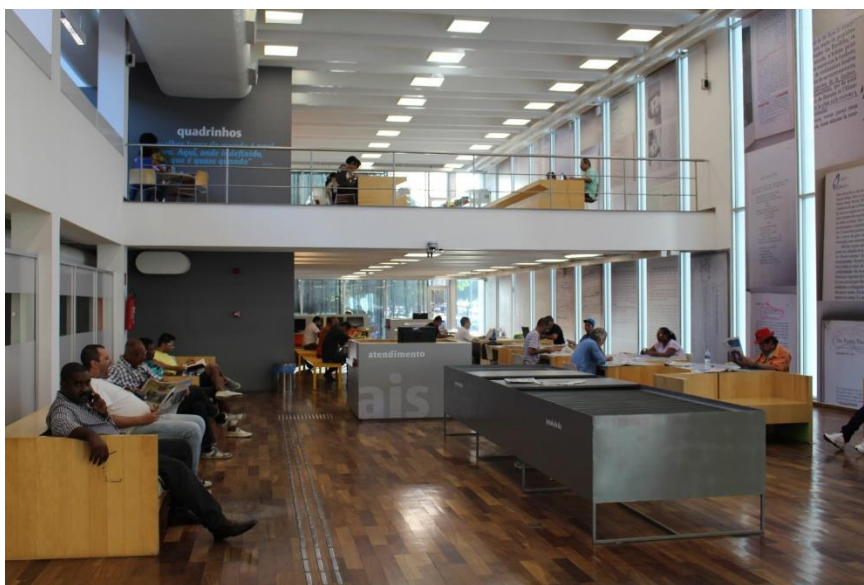


Figura 23 – Setor de Atualidades (periódicos e jornais).

Foto: Site BPE. Disponível em: <<http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.

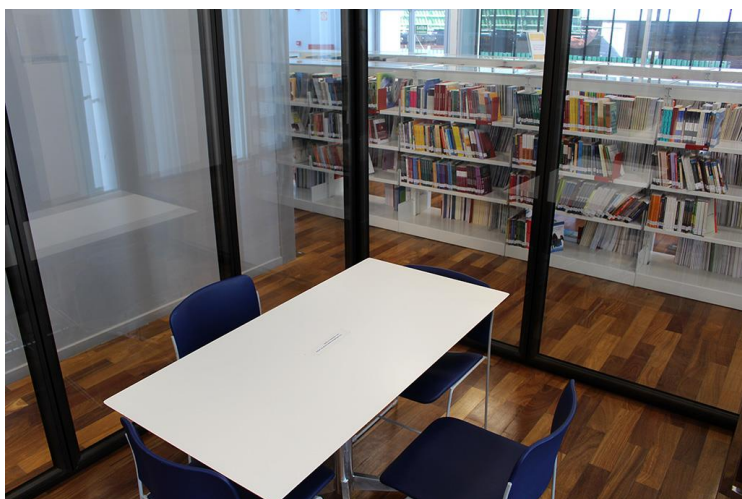


Figura 24 – “Aquários” de estudo.

Foto: Site BPE. Disponível em: <<http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.



Figura 25– Primeiro Andar.

Foto: Site BPE. Disponível em: <<http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.



Figura 26 – Setor Multimídia.

Foto: Arquivo Pessoal



Figura 27 – Setor Multimídia

Foto: Site BPE. Disponível em: <<http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>>. Acesso em 13 de outubro de 2015.



Figura 28 – Setor Multimídia

Fonte: Cazadores de bibliotecas. Disponível em:

<<http://www.cazadoresdebibliotecas.com/2014/12/biblioteca-parque-do-estado-do-rio-de.html>>.

Acesso em 12 de outubro de 2015.



Figura 29 – Setor Multimídia

Fonte: Cazadores de bibliotecas. Disponível em:

<<http://www.cazadoresdebibliotecas.com/2014/12/biblioteca-parque-do-estado-do-rio-de.html>>.

Acesso em 12 de outubro de 2015.



Figura 30 – Computadores localizados no segundo andar.

Fonte: Revista Biblio. Disponível em: <<http://biblio.info/a-biblioteca-parque-do-estado-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.



Figura 31 – Setor de estudos, segundo andar.

Fonte: Notícias R7. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/prefeitura-repassa-verba-ao-estado-para-manter-bibliotecas-do-rio-abertas-25112015>> Acesso em 10 de janeiro de 2016.



Figura 32 – Setor Multimídia.

Foto: Arquivo Pessoal



Figura 33 – Marquise lateral da Biblioteca. Quarta-feira, 12h.

Foto: Arquivo Pessoal

Figura 34 – Marquise lateral da Biblioteca.

Foto: *Dormindo na rua*. Disponível em: <https://dormindonarua.wordpress.com/author/naruaimagem/page/21/> > . Acesso em 04 de fevereiro de 2016.

